

HISTÓRIAS LGBTQIA+

**textos da exposição
em fonte ampliada
PORTUGUÊS**

Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



MASP

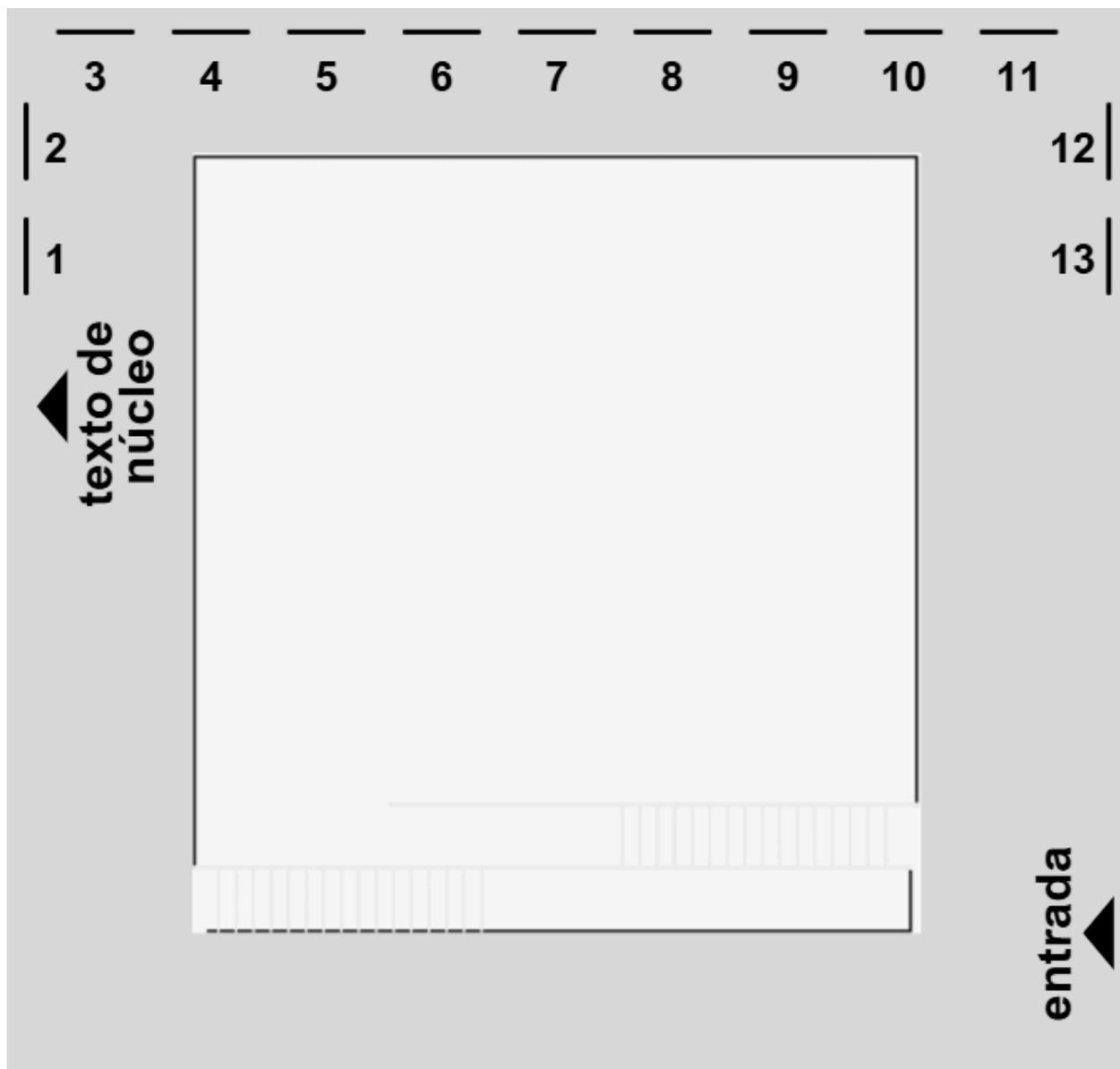
MUSEU DE ARTE
DE SÃO PAULO
ASSIS CHATEAUBRIAND

ARQUIVOS

Desde o início do século 20, pessoas LGBTQIA+ têm criado arquivos, coleções e bibliotecas que buscam preservar nossas histórias contadas a partir de nossos próprios pontos de vista. Isso inclui a crítica a estereótipos e imagens caricatas reproduzidas socialmente, o registro de lutas e violências que pessoas LGBTQIA+ sofrem, mas também o reconhecimento de suas alegrias e afetos. Assim, para as comunidades queer, o arquivamento é uma ferramenta para preservar memórias e desafiar silenciamentos e opressões. Para este núcleo, convidamos treze arquivos da América Latina, África e Ásia a submeterem imagens e arquivos digitalizados, aqui reproduzidos em *loop* em monitores, acompanhados por legendas e um texto escrito pelos próprios participantes. Alguns dos arquivos enfatizam experiências locais e a maneira como tradições culturais são questionadas por pessoas LGBTQIA+.

Outros ressaltam movimentos sociais e articulações políticas. Mesmo considerando a diversidade de materiais, é possível traçar semelhanças, paralelos e conexões entre eles— documentos, cartas, impressos, fotografias, tanto de cunho pessoal quanto coletivo. No conjunto, temos uma cartografia das experiências LGBTQIA+ em diversas instâncias: na esfera da intimidade, nos lugares públicos, na vida política, na imprensa, na cultura e na arte.

Mapa do espaço expositivo



Os números no mapa correspondem aos televisores no mezanino.

1. ARQUIVO LESBICO BRASILEIRO (ALB)

arquivolesbicobrasileiro.org.br

O Arquivo Lésbico Brasileiro (ALB) é uma organização sem fins lucrativos que tem o objetivo de preservar, difundir e democratizar o acesso às memórias lesbianas.

LEGENDAS

(1)

Anúncio Femme, fevereiro-abril de 1995, n. 6 – Grupo Afins

(2)

Capa GEM – Grupo Estação Mulher, ano 1, n. 2

(3)

Capa Boletim Deusa Terra, ano III, n. 5,
primavera-verão de 1993-1994 – Grupo Deusa Terra
(SP)

(4)

Capa Tia Concha, ano 1, edição 1, outubro de 2018 –
Coletivo 44 (SP)

(5)

Capa Femme 7 – Grupo Afins

(6)

Capa Femme, fevereiro-abril de 1995, n. 6 – Grupo
Afins

(7)

Capa Revista Lés, novembro de 2005, n. 4

(8)

Contra-capas Alternativa L, junho de 2019, ano 5, eds.
16 e 17

(9)

Tia Concha n. 5 – Leia uma Lésbica – Coletivo 44

(10)

Trecho da reportagem “O musical Sheila Costa e
Aleska Drychan” – revista Alternativa L, abril de 2018,
ano 4, ed. 10 – Equipe Alternativa L (SP)

Cortesia Arquivo Lésbico Brasileiro (ALB)

2. Center for Creative Initiatives in Health and Population (Centro de Iniciativas Criativas nas Áreas de Saúde e População – CCIHP)

ccihp.org

O Center for Creative Initiatives in Health and Population (Centro de Iniciativas Criativas nas Áreas de Saúde e População – CCIHP) é uma organização da sociedade civil (OSC) vietnamita pioneira na promoção da igualdade na área da saúde, especialmente na saúde sexual e reprodutiva e nos direitos de comunidades marginalizadas e vulneráveis. Nós realizamos pesquisas, programas de intervenção e defesa de políticas. O CCIHP é membro fundador e atualmente preside a *Gender-Based Violence Prevention and Response Network in Vietnam* (Rede de Prevenção e Resposta à Violência Baseada em Gênero no Vietnã – GBVNet). Há 21 anos, oferecemos um serviço de aconselhamento

online gratuito para jovens sobre saúde e direitos sexuais e reprodutivos – esse é o primeiro programa de aconselhamento online sobre o tema no Vietnã. Em seus 25 anos de atividades, o CCIHP é conhecido no Vietnã por sua coragem em abordar questões emergentes e sensíveis, como sexualidade e diversidade, e por usar métodos criativos e participativos em suas pesquisas e intervenções. O arquivo LGBTQIA+ do Vietnã é o resultado de uma pesquisa do CCIHP sobre “Compreensão dos estigmas e da discriminação contra pessoas LGBTQIA+ no Vietnã com base em uma perspectiva histórica e contextual”, financiada pela *Fundação Ford*. O financiamento se deu de 2009 a 2012, mas o nosso trabalho de coleta de materiais foi muito além desse período.

LEGENDAS

(1)

Artigo publicado no *Jornal da Juventude* (báo Thanh Niên), com data de 19 de dezembro de 2010, que cobriu o casamento de um casal de lésbicas em Hanói. O artigo afirmava se tratar do primeiro casamento lésbico, mas não foi isso o que ocorreu. Pode ter sido o primeiro casamento lésbico amplamente divulgado pelos meios de comunicação.

(2)

Diane35 é uma pílula anticoncepcional muito popular e barata no Vietnã. Com frequência, essas pílulas eram usadas por membros da comunidade de mulheres trans para alterar seus corpos.

(3)

Proluton Depot é um medicamento popular que muitas vezes era usado por membros da comunidade de homens trans para alterar seus corpos.

(4)

Uma carta de amor trocada por dois homens.

(5)

Um ursinho de pelúcia – um brinquedo de uma mulher trans – foi destruído por seu pai após ela ter revelado seu verdadeiro gênero à família.

(6)

Uma faca usada por um jovem gay para se cortar.

(7)

O primeiro álbum *Rainbow*.

(8)

Fotografias incluídas no álbum *Rainbow* de 2010

(9)

Materiais didáticos sobre pessoas LGBTQIA+ desenvolvidos pela ICS, a primeira organização LGBTQIA+ no Vietnã.

(10)

Certificado de doação de corpo. O nome no certificado é de uma garota e corresponde à sua identidade de gênero.

(11)

Convite para o primeiro casamento entre pessoas do mesmo sexo em uma província, em 1998, que levou a lei sobre casamento e família a ser alterada em 20a.

(12)

Mandado emitido por professores contra estudantes que faziam bullying contra uma mulher trans.

Cortesia Center for Creative Initiatives in Health and Population (CCIHP), Vietnã

3. ARCHIVOS DESVIADOS

[instagram.com/archivosdesviados](https://www.instagram.com/archivosdesviados)

Archivos Desviados é um projeto ativista de preservação de documentos e recuperação de memórias queer, criado em 2019, em Buenos Aires, por Juan Queiroz, ativista LGTBQIA+, arquivista e editor. Atualmente, os Archivos Desviados estão sediados na cidade de Nova York, Estados Unidos, onde Queiroz reside. O projeto, sem fins lucrativos, é orientado principalmente à consulta de membros das comunidades LGTBQIA+. O foco da coleção está voltado de maneira particular aos movimentos LGBTQIA+ e feminista na Argentina, no Brasil e em Nova York. Em 2016, Queiroz impulsionou a criação do Sexo y Revolución: Programa de Memórias Políticas Feministas y Sexogenéricas, no Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas (CeDInCI), em Buenos Aires, que

atualmente abriga mais de 300 mil documentos de arquivo sobre dissidências sexuais e feminismos. Em 2020, Queiroz cofundou o portal online Moléculas Malucas, que durante três anos publicou cem artigos sobre arquivos, memória, militância e sociabilidade das dissidências sexuais. Os Archivos Desviados contam com milhares de documentos históricos do movimento LGBTQIA+, que Queiroz começou a arquivar em 1984, aos 15 anos de idade, e foram incrementados ao longo de sua vida com a aquisição de arquivos pertencentes a outros militantes de sua comunidade.

LEGENDAS

(1)

Integrantes do Grupo Eros do clandestino Frente de Liberación Homosexual de Argentina (FLH), fotografados em Buenos Aires pela revista *Panorama*, em agosto de 1972

(2)

“Libertad a los homosexuales presos y a todos los detenidos por causas políticas e ideológicas, FLH”

[Liberdade aos homossexuais presos e a todos os detidos por causas políticas e ideológicas, FLH]

Adesivo produzido por Juan Carlos Vidal, Frente de Liberación Homosexual de Argentina, 1974

(3)

Capa da revista *Así*, na qual é anunciada a entrevista com três membros do Frente de Liberación

Homosexual de Argentina (Néstor Perlongher, Fuad Zahra e Ernesto Kezureras). Buenos Aires, 3 de julho de 1973

(4)

Capas dos seis primeiros números do boletim clandestino *Somos* (os únicos realizados em formato de fanzine), produzidos pelo Frente de Liberación

Homossexual de Argentina entre dezembro de 1973 e agosto de 1975

(5)

Somos, no. 1. Frente de Liberación Homossexual, Buenos Aires, dezembro de 1973. Capa realizada por Maxo (Dante Bertini)

(6)

Somos, no. 2. Frente de Liberación Homossexual, Buenos Aires, fevereiro de 1974 [February 1974]. Capa realizada por [Cover designed by] Juan Carlos Vidal

(7)

Somos, no. 3. Frente de Liberación Homossexual, Buenos Aires, maio de 1974. Capa realizada por Maxo (Dante Bertini)

(8)

Somos, no. 4. Frente de Liberación Homosexual, Buenos Aires, agosto de 1974. Capa realizada por Maxo (Dante Bertini)

(9)

Somos, no. 5. Frente de Liberación Homosexual, Buenos Aires, dezembro de 1974

(10)

Somos, no. 6. Frente de Liberación Homosexual, Buenos Aires, agosto de 1975. Capa realizada por Fuad Zahra

(11)

Sexo y Revolución. Capa realizada por Maxo (Dante Bertini) para a segunda edição do manifesto rodizado em 1973 pelo Frente de Liberación Homosexual de Argentina. Esta publicação acompanhava o boletim *Somos* no. 5

(12)

Integrantes do Grupo Eros, do Frente de Liberación Homosexual, na Plaza Britania, em frente à estação de trens Retiro. Desde ali, o grupo se dirigiu para a Plaza de Mayo para a posse do presidente Héctor Cámpora, maio de 1973. Fotografia de Fuad Zahra

(13)

Néstor Perlongher em Buenos Aires em uma festa clandestina da Frente de Liberación Homosexual em 1973, convocada para arrecadar fundos para o boletim *Somos*

(14)

Periódico *Homosexuales*, publicado pelo Grupo Profesionales da Frente de Liberación Homosexual (Buenos Aires, julho de 1973). Este número teve pouca circulação e produziu uma ruptura dentro do FLH devido a um artigo intitulado “Homosexualidad masculina y machismo” [Homossexualidade

masculina e machismo], que abordava o afeminamento gay, tema que manteve posições divididas e tensões dentro do grupo. O Grupo Eros, liderado por Néstor Perlongher, Marcelo Benítez e Eduardo Todesca, defendia que a bicha afeminada encarnava a verdadeira revolucionária contra o machismo e as estruturas hetero-patriarcais dominantes

(15)

Materiais produzidos pelo Frente de Liberación Homossexual de Argentina entre 1973 e 1974. Frutas e flores feitas a mão por membros do Grupo Eros, distribuídas em praças de Buenos Aires no Dia da Primavera de 1973. Adesivos feitos para serem colados em banheiros públicos, trens e ônibus

(16)

“Solo queremos hacer el amor sin miedos, sin culpas, sin vigilantes. Libertad total para el placer homosexual en calles, bares, boliches... Y en todas partes”

[Só queremos fazer amor sem medos, sem culpas, sem vigilantes. Liberdade total para o prazer homossexual em ruas, bares, boates... E em todos os lugares]

Panfleto da FLH com um desenho de Marcelo

Benítez. Avellaneda, Província de Buenos Aires, 1974

(17)

“Quiero hacer el amor con un muchacho sin que me lleven preso. ¿Reclamo demasiado? Libertad total para el placer homosexual en calles, bares, boliches... Y en todas partes” [Quero fazer amor com um rapaz sem que me levem preso. É pedir muito? Liberdade total para o prazer homossexual em ruas, bares, boates... E em todos os lugares]

Panfleto da FLH com um desenho de Marcelo Benítez. Avellaneda, Província de Buenos Aires, 1974

(18)

Teoria da política sexual

Tradução do trabalho de Kate Millet

Grupo Política Sexual e FLH, capa de Juan Carlos Vidal, Buenos Aires, 1974

(19)

“El fascismo nos amenaza”

[O fascismo nos ameaça]

Comunicado do Frente de Liberación Homosexual de Argentina em reação ao artigo publicado na revista oficial do Ministério do Bem-Estar Social da direita peronista, *El Caudillo*, no qual se convocava a matança de homossexuais e lésbicas. Buenos Aires, fevereiro de 1975

(20)

“Los homosexuales luchamos por nuestro derecho a vivir en libertad”

[Os homossexuais lutamos por nosso direito de viver em liberdade]

Único cartaz de rua produzido pela Frente de Liberación Homosexual. Realizado por Juan Carlos Vidal em 1974 e colado nas ruas de Buenos Aires em janeiro de 1976

(21)

Membros do radical Grupo Eros do Frente de Liberación Homosexual posam de costas para a imprensa em 1974, ano em que se agravou a repressão policial anti-homossexual na Argentina. Da esquerda para a direita, Marcelo Benítez, Néstor Perlongher e Eduardo Todesca, conhecidos no FLH como “A malvadíssima trindade de Eros”

(22)

Artigo publicado na revista *Extra* no. 2, Buenos Aires, agosto de 1965. Um arquivo que demonstra a estigmatização criminalizante da imprensa cis-heterossexual argentina em relação às dissidências sexuais

(23)

Alarme e paranoia em uma pergunta lançada pela revista *Leoplan*, Buenos Aires, 1965.

(24)

Arquivo da imprensa cis-heterossexual que aborda de forma estigmatizante histórias de homens que empreenderam processos de transição masculina entre as décadas de 1960 e 1970. Revista *Así*, 10 de outubro de 1967

(25)

Capa do no. 2.115 da revista *Ahora* [Agora], 29 de setembro de 1953

(26)

Capa da revista *La Hipotenusa*, agosto de 1967.
Humor heterossexual no ano de criação dos
Homosexuales de Buenos Aires, o primeiro grupo
político homossexual de língua espanhola

(27)

Capa da revista *Los Amoraes* [Os Amoraes], no. 2,
Buenos Aires, março-abril de 1957. De maneira
contraditória, a publicação enfocava as “perversões
sexuais”, reproduzindo o olhar condenatório médico e
judicial, mas se fascinava com os corpos e as
experiências que escapavam da ordem de
sexo-gênero dominante

(28)

Lucas Michael, *The Problem of Homosexuality* (1958),
Nova York, 2021. Livro de Charles Berg e Clifford
Allen em cujas páginas o artista realizou intervenções.
Fruto de uma longa pesquisa sobre a forma do livro e

as maneiras como os discursos autoritários dissecavam e desempoderavam a população homossexual, Michael, à maneira dos testes de Rorschach, utiliza manchas de tinta para subverter a fácil codificação da imagem e da linguagem, cobrindo o texto real dos livros e usurpando-os com sua narrativa visual

(29)

Marcelo Benítez, *S/T*, 16 de janeiro de 1977; tinta chinesa. Após a dissolução da Frente de Liberación Homossexual, Benítez, membro-chave do grupo, dedicou-se de forma clandestina ao desenho e à poesia em sua casa de Avellaneda, na Provincia de Buenos Aires

(30)

Marcelo Benítez, *S/T*, 25 de janeiro de 1977; tinta chinesa

(31)

J. Best, *Retrato de Juan Carlos Vidal*, Nova York , 1974. Vidal foi um artista visual e militante homossexual argentino, cofundador do grupo Third World Gay Revolution [Revolução Gay do Terceiro Mundo] em Nova York, membro do Gay Liberation Front [Frente de Libertação Gay] e da Frente de Liberación Homosexual de Argentina. Faleceu em 1985 por complicações relacionadas à Aids

(32)

J. Best, *Retrato de Antonino, namorado de Juan Carlos Vidal*. Nova York, 1974

(33)

Autor desconhecido, *Juan Carlos Vidal e namorado*. Nova York, 1974

(34)

Carta de Juan Carlos Vidal para sua irmã, na qual ele conta, entre outras coisas, que está prestes a publicar, junto com lésbicas e homossexuais latinxs em Nova York, a revista *Afuera* [Fora]. Desenhos e serigrafia de Juan Carlos Vidal. 7 de setembro de 1971

(35)

Capa do único número da revista *Afuera*, Brooklin, primavera de 1972. Esta pequena revista foi desenhada por Juan Carlos Vidal e publicada junto a Néstor Latrónico

(36)

Primeira página da revista *Afuera*, na qual Vidal inclui uma imagem retirada de uma publicação gay da época que mostra a reação da família de um homossexual ao sair do armário. Exemplar que pertenceu à biblioteca da Frente de Liberación

Homossexual da Argentina, cujo boletim *Somos* se inspirou em *Afuera*

(37)

Flores [Flowers], serigrafia de Juan Carlos Vidal, Nova York , 1971

(38)

Amor de toros [Amor de touros], serigrafia de Juan Carlos Vidal, Nova York, 1976

(39)

Sem título, desenho de Juan Carlos Vidal, Porto Rico, 1970

(40)

Divulgação do calendário produzido por Juan Carlos Vidal e Néstor Latrónico. *Gay Flames*, n. 11, fevereiro de 1971

(41)

Gay May Day [Dia de maio gay], pôster realizado por Juan Carlos Vidal nos ateliês da Collective Graphics Workshop de Nova York, para as passeatas a serem realizadas na primeira semana de maio de 1971 em Washington, DC. Estas incluíam uma passeata de mulheres e uma passeata contra a guerra. A Gay Liberation Front de Nova York se organizou sob o lema “Gay May Day” para incluir um contingente nesse dia, nos protestos de Nova York e de Washington, DC

(42)

“Machismo es Fascismo” (Machismo é fascismo), pôster realizado em serigrafia por Juan Carlos Vidal com base em uma fotografia tirada por Michael Abramson em maio de 1970 em um encontro de mulheres dxs Young Lords no East Harlem, Manhattan. As retratadas são Iris Morales, Denise Oliver, Nydia Mercado e Lulu Carreras, integrantes de

destaque do grupo que impulsionaram mudanças dentro do partido para lhe dar uma dimensão feminista. O lema “Machismo es fascismo” foi adotado pouco depois pelo Frente de Liberación Homosexual na Argentina e pelo movimento feminista daquele país nos anos 1980.

(43)

Capa do *Gay Flames Pamphlet* n. 7, inteiramente dedicado ao Third World Gay Revolution [Revolução Gay do Terceiro Mundo]. Neste número, publicado em setembro de 1970, o grupo publicou seu manifesto “Os oprimidos não se tornarão opressores” e a carta do líder dos Panteras Negras, Huey Newton (1942-1989), dirigida aos movimentos de libertação feminina e gay

(44)

Contracapa do periódico *Come Out!* (n. 5, setembro de 1970), publicado pela Gay Liberation Front [Frente

de Libertação Gay] de Nova York. Neste número, o Third World Gay Revolution foi apresentado publicamente pela primeira vez em um meio gráfico. Ao longo de cinco páginas desenhadas por Juan Carlos Vidal, foram publicados textos do grupo e seu manifesto “Os oprimidos não se tornarão opressores”

(45)

Contracapa do Third World Gay Revolution no *Come Out!* n. 7, Nova York, dezembro de 1970

(46)

Juan Carlos Vidal. Cartão de Natal para o Third World Gay Revolution, Nova York, 1970

(47)

Capa do periódico *Come Out!* (n. 5, setembro de 1970). Em 14 de novembro de 1969, a Gay Liberation Front de Nova York publicou o primeiro número de seu periódico oficial *Come Out!* [Saia do armário!], o primeiro editado por gays e lésbicas no país após os

distúrbios de Stonewall. Foram publicados um total de oito números entre 1969 e início de 1972. O periódico era vendido por integrantes do GLF nas esquinas do bairro de Greenwich Village e nas bancas de revistas e livrarias da região como a Oscar Wilde Memorial Bookstore, de Craig Rodwell, localizada na rua Christopher

(48)

Maquete original da capa de *Come Out!*, n. 8, inverno de 1972

(49)

Página da maquete original de *Come Out!*, n. 7b, verão de 1972

(50)

Página da maquete original de *Come Out!*, n. 7b, verão de 1972. Colagem realizada por Perry Brass com fotos da agência *underground* de esquerda e

antiguerra Liberation News Service (Serviço de Notícias de Libertação – LNS) e letras do pôster de Juan Carlos Vidal, *Gay May Day*

(51)

Página da maquete original de *Come Out!*, n. 7b, verão de 1972.

(52)

Página da maquete original de *Come Out!*, n. 7, dezembro de 1972

Foto de Donna Gottschalk

(53)

Christopher Street Liberation Day [Dia da Libertação da Rua Christopher], Nova York, domingo, 28 de junho de 1970. Cartão de convite para celebrar o primeiro aniversário dos distúrbios de Stonewall

(54)

I am a faggot [Eu sou uma bicha]

(55)

Gay Liberation [Libertação gay], Times Change Press, Nova York, 1970. Cartaz com design gráfico de Sue Negrin, com base em uma fotografia de membros do Gay Liberation Front, por Peter Hujar, e uma mandala, por Suzanne Bevier

(56)

Sisterhood Feels Good [A sororidade nos faz sentir bem], cartaz com foto de Donna Gottschalk
Times Change Press, Nova York, 1971

(57)

Gay Post, n. 4, Nova York, novembro de 1974. Capa com retrato de Marsha Johnson (1945-1992) por Ralph Hall. Revista *gay underground* criada por Ralph Hall e Bob Storm, para a qual Marsha Johnson colaborava

(58)

Néstor Latrónico, *Chelsea Piers*, *circa* 1982. Por volta de 1982, Néstor Latrónico, que fora integrante do Third World Gay Revolution e da Frente de Liberación Homosexual de Argentina, levou sua câmera aos Chelsea Piers, às margens do rio Hudson, em Manhattan, um local onde, em alguns galpões abandonados – transformados em locais de encontros sexuais casuais entre gays –, artistas da cena *underground* e contracultural de Nova York costumavam passar e deixar suas marcas nas paredes com sua arte

(59)

Néstor Latrónico, *Convenir resueño con escapar* [Combine sonho e fuga], *circa* 1982. Em uma das paredes dilapidadas dos galpões de Chelsea Piers, uma frase que parecia sem sentido e que não fazia alusão a nada específico chamou a atenção de fotógrafo: “Me atraiu porque, sem dizer nada, ali havia

poesia. Essas palavras me transmitiam a ideia de um 'ir', de um 'sonhar' e, ao mesmo tempo, a necessidade de um 'escape'. Era um lugar de sexo rápido e passageiro, sem espaço para reflexão, e essa lenda com características de mensagem cifrada precisava ser registrada”

(60)

Cartaz do Primeiro Encontro Nacional de Homossexuais

Teatro Ruth Escobar, São Paulo, Brasil, 1980.

(61)

Integrantes do Somos: Grupo de Afirmação Homossexual, marchando em direção ao estádio de futebol da Vila Euclides, em São Bernardo do Campo (São Paulo, Brasil) para defender o fim da intervenção nos sindicatos trabalhistas e apoiar a greve dos

metalúrgicos. Entre eles, James Green, Eduardo Brites, Alfredo Fresia e Teca Aarão. Maio de 1980

(62)

O bandeirante destemido. O guia gay de São Paulo, 1981 (original que pertenceu a Néstor Perlongher).

Perlongher se exilou em São Paulo em dezembro de 1981. Ao chegar, um grupo de gays lhe presenteou um exemplar desta publicação do Grupo Outra Coisa: Ação Homossexualista, fundado em São Paulo por Antonio Carlos Tosta e Zezé Melgar, entre outros. Com esse guia, Perlongher começou a se familiarizar com o território marginal paulista: pontos de paquera de michês nas ruas e banheiros públicos do Centro, boates e bares; além de publicações de grupos de ativismo homossexual e lésbico. Anos mais tarde, Perlongher o mencionou e incluiu na bibliografia de seu primeiro livro publicado no Brasil, *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo* (Brasiliense, 1987)

(63)

Manual de sobrevivência homossexual, Grupo Gay da Bahia (GGB), Salvador, 1995. Guia com conselhos sobre como reagir à violência na rua, como evitar ser assassinado e o que fazer se for preso

(64)

Guia gay da Bahia. Roteiro turístico e cultural dos locais, dados e assuntos de maior interesse na Bahia para gays, lésbicas, etc.

Grupo Gay da Bahia, Salvador, 1993

(65)

Quem lagarta fere... com cobra será ferido, Henrique Magalhães Paraíba, Nós Também/Editora Artesanal, 1982. Pequeno livro feito com reprodução em mimeógrafo, capa em linóleo-gravura e pintura manual. Segundo seu autor, um dos fundadores, em 1980, do grupo de direitos dos homossexuais Nós

Também, a “fábula fabulosa” era sua investida no campo literário que refletia não só o momento político – vide as questões relacionadas ao trabalho e ao lazer, a cooperação mútua, as decisões coletivas em assembleia, o exílio –, como também a luta em defesa das minorias. *Quem lagarta fere...* coloca situações que remetem à questão de gênero e à discriminação contra a homossexualidade

(66)

Obedeça e não discuta!, São Paulo, 1982. Panfleto em resposta à polêmica produzida pelo panfleto *Desobedeça*, em que, nas eleições de 1982, a candidata a vereadora da cidade de São Paulo pelo Partido dos Trabalhadores (PT), a socióloga Caterina Koltai, defendeu a causa homossexual entre outras liberdades, como a descriminalização da maconha e a legalização do aborto. *Desobedeça* causou um grande escândalo e, em outubro de 1982, o Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo acatou um pedido da

Divisão de Entorpecentes que solicitava o recolhimento do panfleto, e Koltai foi processada. O grupo gay Moléculas Malucas saiu às ruas para distribuir este panfleto em uma resposta irônica à censura de *Desobedeça*

(67)

Boletim *O Corpo* n. 5, São Paulo, outubro de 1983.
Produzido pelo Grupo Somos de Afirmação Homossexual

(68)

Glauco Mattoso. *Línguas na papa: um salgado, dois mais insípido e mais picante. Poemas*

Pindaíba, São Paulo, 1982

(69)

Glauco Mattoso. *Memórias de um pueteiro: as melhores alegrias de Glauco Mattoso*

Edições Trote, Rio de Janeiro, 1982

(70)

Glauco Mattoso. Revista Dedo Mingo, Jornal Dobrabil, edição do autor, São Paulo, 1982.

(71)

Elena Napolitano, *Carta de Persona a Persona* (Carta de pessoa para pessoa), Buenos Aires, agosto de 1983. Elena foi uma ativista lésbica e feminista que, com apenas 23 anos, escreveu este documento para distribuir de mão em mão nas avenidas de Buenos Aires durante as noites dos últimos meses da ditadura civil-militar. Lá, ela denunciou a repressão e o assédio policial contra lésbicas e gays e convidou as mulheres a se juntarem à organização da luta

(72)

Sodoma, n. 1, Grupo de Acción Gay (GAG), Buenos Aires, outono de 1984. Capa de Jorge Gumier Maier.

Esta revista de produção caseira teve apenas dois números publicados. O GAG foi um dos grupos de militância gay que surgiram na pós-ditadura civil-militar argentina. Funcionou do final de 1983 até o final de 1985 e fez parte da Coordenadora de Grupos Gays, entre outras iniciativas

(73)

Sodoma, n. 2, Grupo de Acción Gay, Buenos Aires, outono de [autumn] 1985. Capa de Marcelo Pombo

(74)

“Danza y embriégate en la fiesta del GAG” [Dance e fique bêbado na festa do GAG]

Folheto feito a partir de uma xilogravura do artista Marcelo Pombo, importante integrante do Grupo de Acción Gay, para a festa na boate Nosso Mundo, convocada para arrecadar fundos para a revista *Sodoma*

(75)

Cartaz produzido em Buenos Aires por David Wojnarowicz para sua exposição realizada no Centro de Arte y Comunicación, outono de 1984

(76)

Cartaz produzido em Buenos Aires por Luis Frangella para sua exposição realizada na Galeria Arte del Retiro em paralelo à exposição de seu namorado, David Wojnarowicz, realizada na mesma cidade. Outono de 1984

(77)

SIDA Mental [Aids Mental], Cristian Dios [Cristian Delgado] (ed.), Bragado, província de Buenos Aires, 1988

Modelo original do qual este fanzine foi fotocopiado para ser distribuído na cidade de Bragado. Dios é uma referência indiscutível da arte, do design e da cena queer e underground portenha dos anos 1980, 1990 e 2000

(78)

Cartaz para o debate “La represión sexual en Argentina” [A repressão sexual na Argentina] produzido na Faculdade de Belas Artes de La Plata, em 17 de maio de 1984. Participaram da criação Ruth Mary Kelly, trabalhadora sexual e ativista lésbica da Frente de Liberación Homosexual e Marcelo Benítez, importante militante do Grupo Eros da FLH [Poster for the debate “La represión sexual en Argentina”]

(79)

Primeira declaração da Comunidad Homosexual Argentina [Comunidade Homossexual Argentina – CHA) sobre sua fundação, realizada em 16 de abril de 1984 na boate Contramano, em Buenos Aires

(80)

“Basta de razzias. Con discriminación y represión no hay democracia” [Chega de batidas. Com discriminação e repressão não há democracia]

Cartaz do Grupo de Acción Gay e do Grupo Federativo Gay. Buenos Aires, 1984.

(81)

Codo a Codo [Cotovelo com Cotovelo], n. 1, Buenos Aires, 1988

Publicado por um grupo de mulheres do Grupo de Autogestión Lésbica (GAL)

(82)

Néstor Latrónico, *Retrato de Miguel Ángel Lens*, Buenos Aires, 1989. *Lens* (1951-2011) foi um militante anarco-gay, artista visual e poeta. Foi membro do Grupo Gay de San Telmo na década de 1980 e fundou o grupo Poesía Gay de Buenos Aires em 1994 [Néstor Latronico, Portrait of Miguel Ángel Lens, Buenos Aires, 1989. Lens (1951–2011) was an anarcho-gay activist, visual artist and poet. He was a member of the Grupo Gay de San Telmo

(83)

“Por el nuevo deseo de volver a reivindicar el placer”

[Pela nova vontade de reivindicar o prazer]

Folheto produzido por Miguel Ángel Lens para o encontro no Parque Lezama no Dia Internacional da Dignidade Homossexual, em junho de 1985

(84)

“La careta democrática se vende en ‘Casa Rosada’”

[A máscara democrática é vendida na “Casa Rosada”]

Folheto produzido por Miguel Ángel Lens com um “retrato imaginário” do anarquista Gino Gatti (1901-1989), Buenos Aires, *circa* 1987

(85)

Maquete do folheto produzido por Miguel Ángel Lens para o Nuevo Núcleo de Política Sexual Michel Foucault, Buenos Aires, 1988

(86)

Alejandro Cápuia, *Retrato de Miguel Ángel Lens*

Colagem e marcador, Buenos Aires, novembro de 1988

(87)

Cuaderno Existencia Lesbiana [Caderno Existência Lésbica], n. 10, Buenos Aires, novembro de 1990

Editado por Adriana Carrasco e Ilse Fuskova

Capa com colagem da artista Josefina Quesada

(88)

“Atención heterossexuais” [Atenção heterossexuais] .

Coordinadora Anarco Gay Argentina (Cagar), Buenos Aires, 1993. Folheto distribuído pelo militante

anarquista Enrique Yurcovich na Segunda Marcha del Orgullo Lésbico-Gay em Buenos Aires

(89)

La Voz Transexual, n. 4, Transdevi, General Rodríguez, Província de Buenos Aires, agosto de 1994. Boletim informativo mensal dirigido à comunidade transgênero. A Transdevi foi fundada em maio de 1991 pela ativista transexual Karina Urbina.

(90)

Bárbara Bianca LaVogue (1970-2018), caderno Rivadavia com 50 trabalhos feitos em diferentes técnicas, Buenos Aires, 2006

(91)

Bárbara Bianca LaVogue, desenho feito em caneta hidrográfica para caderno Rivadavia, Buenos Aires, 2006

(92)

Bárbara Bianca LaVogue, desenho feito em caneta hidrográfica e papel brilhante para caderno Rivadavia, Buenos Aires, 2006

(93)

Bárbara Bianca LaVogue, desenho feito em caneta hidrográfica e papel brilhante para caderno Rivadavia, Buenos Aires, 2006

(94)

Bárbara Bianca LaVogue, *Putito* [Veadinho], desenho feito a lápis, Buenos Aires, 2003

(95)

Bárbara Bianca LaVogue caminhando por Buenos Aires após tomar café da manhã no lendário bar El Olmo, setembro de 1998
Foto de Juan Queiroz

Cortesia Archivos Desviados, Nova York

4. QUEER INDONESIA ARCHIVE

qiarchive.org

O Queer Indonesia Archive é um acervo digital sem fins lucrativos e administrado pela comunidade, comprometido com a compilação, a preservação e a celebração de materiais que refletem as vidas e as experiências da Indonésia queer. Fundado em 2020, o arquivo cresceu e se tornou uma dos maiores acervos digitais de materiais primários e secundários relacionados às comunidades LGBTQIA+ e suas experiências.

Todo o nosso trabalho é desenvolvido em resposta aos nossos valores fundamentais:

Conservação – Temos um firme compromisso com o valor da compilação, da conservação e da preservação de materiais que refletem a experiência queer na Indonésia.

Segurança e privacidade – Trabalhamos de boa-fé para preservar a segurança e a privacidade de nossas comunidades por meio da manutenção do arquivo. Acessibilidade – Acreditamos que todos os indonésios queer compartilham a propriedade coletiva de sua história e, por isso, têm o direito de ter acesso a essa história. Nosso acervo abrange mídias, filmes, músicas, histórias orais, obras de arte e pesquisas elaboradas pela comunidade, documentos de organizações comunitárias, coleções de fotos, pôsteres e muitos outros materiais que não são facilmente classificados. Continuamos a expandir nosso acervo por meio de uma estratégia de coleta proativa para levar o arquivo até a comunidade.

LEGENDAS

(1)

G: Gaya Hidup Ceria #1

Editora: Lambda Indonesia

Data: agosto de 1982

Local: Surakarta

(2)

G: Gaya Hidup Ceria #2

Editora: Lambda Indonesia

Data: outubro de 1982

Local: Surakarta

(3)

G: Gaya Hidup Ceria #3

Editora: Lambda Indonesia

Data: dezembro de 1982

Local: Surakarta

(4)

G: Gaya Hidup Ceria #4

Editora: Lambda Indonesia

Data: março de 1983

Local: Surakarta

(5)

G: Gaya Hidup Ceria #5

Editora: Lambda Indonesia

Data: maio de 1983

Local: Surakarta

(6)

G: Gaya Hidup Ceria #6

Editora: Lambda Indonesia

Data: julho de 1983

Local: Surakarta

(7)

G: Gaya Hidup Ceria #7

Editora: Lambda Indonesia

Data: outubro de 1983

Local: Yogyakarta

(8)

G: Gaya Hidup Ceria #8

Editora: Lambda Indonesia

Data: novembro de 1984

Loca: Yogyakarta

(9)

Jaka #1

Editora: Persaudaraan "G" Yogyakarta

Data: fevereiro de 1985

Local: Yogyakarta

(10)

Jaka #2

Editora: Persaudaraan "G" Yogyakarta

Data: abril de 1985

Local: Yogyakarta

(11)

Jaka #3

Editora: Persaudaraan "G" Yogyakarta

Data: junho de 1985

Local: Yogyakarta

(12)

Jaka #4

Editora: Persaudaraan “G” Yogyakarta

Data: agosto de 1985

Local: Yogyakarta

(13)

Jaka #5

Editora: Persaudaraan “G” Yogyakarta

Data: outubro de 1985

Local: Yogyakarta

(14)

Jaka #6

Editora: Persaudaraan “G” Yogyakarta

Data: dezembro de 1985

Local: Yogyakarta

(15)

Jaka #7

Editora: Persaudaraan “G” Yogyakarta

Data: fevereiro de 1986

Local: Yogyakarta

(16)

Jaka #8

Editora: Persaudaraan “G” Yogyakarta

Data: abril de 1986

Local: Yogyakarta

(17)

Jaka #9

Editora: Persaudaraan “G” Yogyakarta

Data: junho de 1986

Local: Yogyakarta

(18)

Jaka #10

Editora: Persaudaraan “G” Yogyakarta

Data: agosto de 1986

Local: Yogyakarta

(19)

Jaka #11

Editora: Persaudaraan “G” Yogyakarta

Data: dezembro de 1986

Local: Yogyakarta

(20)

Jaka #12

Editora: Persaudaraan “G” Yogyakarta

Data: fevereiro de 1987

Local: Yogyakarta

(21)

Jaka #13

Editora: Persaudaraan “G” Yogyakarta

Data: março de 1987

Local: Yogyakarta

(22)

Jaka #14

Editora: Persaudaraan “G” Yogyakarta

Data: julho de 1987

Local: Yogyakarta

(23)

Jaka #15

Editora : Indonesian Gay Society

Data: novembro de 1987

Local: Yogyakarta

(24)

Jaka #16

Editora: Indonesian Gay Society

Data: janeiro de 1988

Local: Yogyakarta

(25)

Jaka #17

Editora: Indonesian Gay Society

Data: março de 1988

Local: Yogyakarta

(26)

Jaka #17

Editora: Indonesian Gay Society

Data: maio de 1988

Local: Yogyakarta

(27)

GAYa Nusantara #1

Editora: Kelompok Kerja Lesbian dan Gay Nusantara

Data: novembro de 1987

Local: Pasuruan

(28)

GAYa Nusantara #2

Editora: Kelompok Kerja Lesbian dan Gay Nusantara

Data: janeiro de 1988

Local: Pasuruan

(29)

GAYa Nusantara #3

Editora: Kelompok Kerja Lesbian dan Gay Nusantara

Data: março de 1988

Local: Pasuruan

(30)

GAYa Nusantara #4

Editora: Kelompok Kerja Lesbian dan Gay Nusantara

Data: abril de 1988

Local: Pasuruan

(31)

GAYa Nusantara #5 & 6

Editora: Kelompok Kerja Lesbian dan Gay Nusantara

Data: maio de 1988

Local: Pasuruan

(32)

GAYa Nusantara #7

Editora: Kelompok Kerja Lesbian dan Gay Nusantara

Data: novembro de 1988

Local: Pasuruan

(33)

GAYa Nusantara #8

Editora: Kelompok Kerja Lesbian dan Gay Nusantara

Data: janeiro de 1989

Local: Pasuruan

(34)

GAYa Nusantara #9

Editora: Kelompok Kerja Lesbian dan Gay Nusantara

Data: março de 1989

Local: Pasuruan

(35)

GAYa Nusantara #10

Editora: Kelompok Kerja Lesbian dan Gay Nusantara

Data: maio de 1989

Local: Pasuruan

(36)

GAYa Nusantara #11

Editora: Kelompok Kerja Lesbian dan Gay Nusantara

Data: julho de 1989

Local: Pasuruan

Cortesia Queer Indonesia Archive

5. MUSEU TRANSGÊNERO DE HISTÓRIA E ARTE (MUTHA)

mutha.com.br

O Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA) é o único museu trans do Brasil e um dos únicos do mundo. Ele é uma obra artística e um conjunto de tecnologias transformacionais que têm como objetivos a preservação, a pesquisa, a fruição e a produção de acervos e arquivos para a história e a memória social, a produção de dados e a empregabilidade cultural da população brasileira variante de corpo e gênero. O MUTHA é uma iniciativa de âmbito virtual e nacional, sendo formado por instâncias de ação em todos os estados brasileiros, com uma finalidade pública, não comercial, comunitária e autônoma –o espaço é administrado pela e para a comunidade trans, sem incentivos governamentais fixos. O MUTHA, inaugurado em 2020, foi idealizado por Ms. Ian Habib,

pessoa professora, pesquisadora e artista, em sua pesquisa *Corpos transformacionais*. O acervo é composto pelo Acervo MUTHA, com cerca de 50 itens, e pelo Acervo do Arquivo Histórico (Ahmutha), com cerca de 300. Atualmente, o Ahmutha é composto pelo Arquivo Vivo e pelos Acervos de Pesquisa, Transcestrais, e Muthantes. As coleções abordam memória, transformação corporal, trabalho sexual, censura, ditadura militar brasileira, história dos movimentos LGBTQIA+, migração, saúde e história do transformismo, entre outros.

LEGENDAS

Acervo Dicca Rios

Acervo Fabiane Galvão

Cortesia Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA) e Ian Guimarães Habib e Acervo Fabiane Galvão

(1)

A primeira bate-cabelo de Salvador – Fotografia analógica digitalizada – Salvador, Bahia

Autoria desconhecida. “Essa foto foi um... foi um fotógrafo do jornal *A Tarde*, ele levou a gente para um estúdio aqui.. aqui nos fundos do Teatro Castro Alves, do teatro, e aí tinha pego algumas pessoas para tirar uma foto” (Fabiane Galvão, Arquivo Vivo, 2022).

(2)

A vampira que ficou um final de semana na ilha tomando sol – Fabiane Galvão e Lena Oxa – Foto analógica digitalizada – Itaparica, Bahia

Autoria desconhecida. “É... era tanta gente tirando foto, tanta gente lá...” (Fabiane Galvão, Arquivo Vivo, 2022).

(3)

Me segurando pra não cair – Fabiane Galvão –
Fotografia analógica digitalizada – Salvador, Bahia
Autoria: Ito Leão. “(...) É, ele também tirava as fotos, assim como Jorge ele tirava as fotos também fazia esse... é porque era o registro da casa dele, então ele que organizava também essas fotos. (...) ele fez uma belíssima contribuição para... pra noite de Salvador, muito mesmo” (Fabiane Galvão, Arquivo Vivo, 2022).

(4)

Eu era feliz e não sabia – Fabiane Galvão – Recorte de foto analógica digitalizada – Salvador, Bahia
Autoria: Jorge (dono da Boate Esquis) “É, ele que é... ele que tirava as fotos da gente e... eu acho que depois que desfez da casa, a gente chegou até se falar por telefone, ele havia me dito que todo aquele acervo que ele tinha ele desfez, por que? Porque tinha muita gente já tinha falecido, ele não estava

achando confortável estar com aquele álbum, eu disse: mas tem gente que se foi, mas tem gente que ainda está aqui, como eu, que está falando aqui agora” (Fabiane Galvão, Arquivo Vivo, 2022).

Acervo Karla Zhand de Jesus

Cortesia Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA) e Ian Guimarães Habib e Acervo Karla Zhand de Jesus

(5)

No coração de Shirley – Fotografia analógica digitalizada – Salvador, Bahia

Autoria: Paloma – “A Paloma mora na Espanha. (...) agora amiga da Paloma mais era eu, porque eu conheço a Paloma há quarenta anos...” (Karla Zhand, Arquivo Vivo, 2022).

(6)

Ativismo – Fotografia analógica digitalizada –
Salvador, Bahia

Autoria: Michele Marie (ex-presidenta da ATRAS) (*in memoriam*) “Quem tirou a foto aí foi a Michelle Marie, que já está lá em cima” (Karla Zhand, Arquivo Vivo, 2022).

(7)

Glamur – Fotografia analógica digitalizada – Salvador,
Bahia / Berna, Suíça

Autoria: Márcio, alemão – “É, acho que é a mão da Ester (...) É da Ester, então acho que quem tirou a foto foi o Márcio. (...) É, o namorado da Ester. (...) o Márcio era alemão de lá de Berna” (Karla Zhand, Arquivo Vivo, 2022).

(8)

Glamur – Fotografia analógica digitalizada – Salvador,
Bahia / Berna, Suíça

Autoria: Márcio, alemão – “É, acho que é a mão da Ester (...) É da Ester, então acho que quem tirou a foto foi o Márcio. (...) É, o namorado da Ester. (...) o Márcio era alemão de lá de Berna” (Karla Zhand, Arquivo Vivo, 2022).

(9)

Sem legenda

Acervo Keila Simpson

Cortesia Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA) e Ian Guimarães Habib e Acervo Keila Simpson

(10)

Encerramento do VII Entlaids (Encontro Nacional de Travestis e Liberados que Atuam na Prevenção da Aids) em Fortaleza – Fotografia analógica digitalizada – Fortaleza, Ceará

(11)

Tâmara Taxman (*in memoriam*) – Recortes de jornal impresso digitalizado – Salvador, Bahia

(12)

Reportagem de Chico Castro Júnior, fotografia de divulgação Carol Barreto, para a folha *Agende-se* do jornal *A Tarde* (Salvador, Bahia, 2008).

Recorte/seleção de jornal feito por Keila Simpson (Salvador, Bahia).

(13)

Sem legenda

(14)

IV Encontro Regional Sul em Criciúma – Página de jornal impresso digitalizada – Criciúma, Santa Catarina

Reportagem de Fernanda Rodrigues, fotografia de Tiago Tavares para a folha Geral do *Jornal da Manhã*

(Criciúma, Santa Catarina, 2007). Recorte/seleção de jornal feito por Keila

(15)

Sem legenda

(16)

Sem legenda

(17)

Encerramento do projeto Tulipa – Página de jornal impresso digitalizada – Vitória, Espírito Santo

Reportagem de Bárbara Zaganelli, fotografia de Edson Chagas para o jornal Notícia Agora (Vitória, Espírito Santo). Recorte/seleção de jornal feito por Keila Simpson (Salvador, Bahia).

(18)

Sem legenda

(19)

Manifestação contra assassinatos de pessoas LGBT
– Fotografia analógica digitalizada – Salvador, Bahia

(20)

Sem legenda

(21)

Manifestação de encerramento do V Entlaids antes de
chegar ao Teatro Municipal de São Paulo – Fotografia
analógica digitalizada – São Paulo

(22)

Sem legenda

(23)

Sem legenda

Acervo Kelly Passos

Cortesia Museu Transgênero de História e Arte
(MUTHA) e Ian Guimarães Habib e Acervo Kelly
Passos

(24)

Sem legenda

(25)

Sem legenda

(26)

Sem legenda

(27)

Sem legenda

(28)

Sem legenda

(29)

Me divertindo com Rosinha – Fotografia analógica digitalizada – Salvador, Bahia

“Rosinha é uma bicha de Aracaju que veio pra Salvador. (...) ela veio de Aracaju pra Salvador e parece que ela nasceu em Salvador, porque ela amou isso aqui e ela tinha... ela gaguejava pra falar, né, e a gente se dava muito com ela, porque ela era muito engraçada, era muito espontânea... ingênua, gente boa. Então, teve uma conexão automática, então, a gente andava muito junta e morávamos praticamente juntas também, né. E na Europa, também encontrei a Rosinha, evoluiu, tá mais bonita, maravilhosa. (...)”
(Kelly Passos, Arquivo Vivo, 2022).

(30)

Sem legenda

(31)

Sem legenda

(32)

Dando uma voltinha: garota na Corso Buenos Aires –
Fotografia analógica digitalizada – Milão, Itália

“Quem bateu essa foto foi Paloma. (...) Minha amiga de voltinhas” (Kelly Passos, Arquivo Vivo, 2022).

(33)

Boa época do verdadeiro algodão doce, que não se
faz mais algodão doce como antigamente – Fotografia
analógica digitalizada – Salvador, Bahia

“(...) ai, eu gostaria tanto que tivesse uma foto de
Rosinha aí... (...) Ai, esse dia foi espetacular, essa
noite foi espetacular... (...) Foi maravilhosa, né,
porque elas incomodavam muito, porque com tudo
que acontecia, eu não deixava a peteca cair, eu
estava sempre animada, dava a volta por cima e vida
que segue, escorregava mais caía do jeito que o
corpo dá, e vamos que atrás vem gente. (...) Porque
ela, ela vivia igual monstro, né, porque bicha acha
que ela só pode sair de noite. (...) Naquela época era

um tabu você ver uma bicha de dia, todo mundo olhava, todo mundo apontava, e eu não estava nem pingando de groselha, saia igual. (...) E não tinha problema nenhum, eu acho que o problema tava mais nelas do que no povo. (...) Quem estiver incomodado que saia! (...) quem estiver incomodado com a nossa presença que saia, porque eu que não vou sair. (...) Eu nem (dava) confiança, mas aqui tem cada um, que eu olha... assim, eu digo não, têm um mesmo que eu vi lá no casarão, lá com Keila, na reunião lá, que coisa linda...” (Kelly Passos, Arquivo Vivo, 2022).

Acervo Lorena Paiva

Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA) e Ian Guimarães Habib e Acervo Lorena Paiva

(34)

Imagens sem legenda

Acervo Marlon Nonato Silveira

Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA) e Ian
Guimarães Habib e Acervo Marlon Nonato Silveira

(35)

Imagens sem legenda

Cortesia Museu Transgênero de História e Arte
(MUTHA), São Paulo

6. ARQUIVO Q' IWA, LA CHINA MORENA: MEMÓRIA HISTÓRICA TRAVESTI

[instagram.com/davidaruquipaperez](https://www.instagram.com/davidaruquipaperez)

“Se eu não posso dançar, a sua revolução não me interessa”.

Emma Goldman (1869-1940)

Inspiradas nas vedetes dos anos 1970, as travestis transformaram a estética da China Morena, uma personagem da tradicional dança da Morenada no Carnaval de Oruro e da Festa do Senhor Jesus do Grande Poder em La Paz.

Este arquivo é o produto de um desejo pessoal e político de tornar visível a história das Chinas Morenas, de descrevê-las por meio de imagens, de suas memórias, do desejo de sua presença sensual nas festas populares da Bolívia. Não se trata apenas de uma história oral, mas de uma história de

libertação e coragem, de tornar públicos suas vozes e seus corpos.

Ainda se ouvem os saltos das suas botas nas ruas populares que, ano após ano, se enfeitam para receber milhares de devotos e visitantes, para recriar o mito da invocação dos seres fantásticos das profundezas. Em um abraço de sedução com os seres celestes, tornam essas festas únicas no mundo. Ambas foram estabelecidas pela UNESCO como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

Criadoras da China Morena: Diego Marangani, Diega, Liz, Pocha, Barbarella, Verónica, Danny, Titina e outras. Todas elas são filhas ilustres da ousadia!

—David Aruquipa Pérez

LEGENDAS

(1)

Registro: 007/PA/CIADDEC 2013

Acervo: Archivo Q'iwa, La China Morena: Memoria Histórica Travestí

Título: La China Morena frente al Apóstol Santiago, iglesia rural de La Paz [A China Morena diante do Apóstolo São Tiago, igreja rural de La Paz]

Ano: *circa* 1973

Local: Departamento de La Paz, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Propriedade: Diversidad – Comunidad de Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías (CIADEC)

(2)

Registro: 063/CE/CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria histórica travestí

Título: Domingo de Carnaval, Ofelia y Liz en la avenida cívica. Carnaval de Oruro [Domingo de Carnaval, Ofelia e Liz na avenida cívica. Carnaval de Oruro]

Ano: *circa* 1971

Local: Cidade de Oruro, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Origem: Arquivos doados por Carlos Espinoza (Ofelia)

Propriedade: Diversidad – Comunidad de

Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías
(CIADEC)

(3)

Registro: 013/PA/CIADEC 2013

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria
histórica travestí

Título: Peter Alaiza, Barbarella “la China de Oro”,
Festividad del Señor Jesús del Gran Poder [Peter
Alaiza, Barbarella “a China de Ouro”, Festa do Senhor
Jesus do Grande Poder]

Ano: *circa* 1973

Local: Cidade de La Paz, Bolívia

Fotógrafo: Desconhecido

Propriedade: Diversidad – Comunidad de

Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías
(CIADEC)

(4)

Registro: 045/PA/CIADDEC 2015

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria histórica travestí

Título: Peter Alaiza, Barbarella, fiesta rural [Peter Alaiza, Barbarella, festa rural]

Ano: *circa* 1974

Local: Cidade de La Paz, Bolívia

Fotógrafo: Desconhecido

Propriedade: Diversidad – Comunidad de Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías (CIADDEC)

(5)

Registro: 004/JV/CIADDEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria histórica travestí

Título: Juana Carrasco en la Festividad del Señor Jesús del Gran Poder [Juana Carrasco na Festa do Senhor Jesus do Grande Poder]

Ano: *circa* 1973

Local: Cidade de La Paz, Bolívia

Fotógrafo: Desconhecido

Propriedade: Diversidad – Comunidad de
Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías
(CIADEC)

(6)

Registro: 0060/ CE/ CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria
histórica travestí

Título: Carlos Espinoza, Fiesta de la Cruz de
Colquepata, 3 de mayo [Carlos Espinoza, Festa da
Cruz de Colquepata, 3 de maio]

Ano: 1976

Local: Município de Copacabana, Departamento de
La Paz, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Origem: Arquivos doados por Carlos Espinoza (Ofelia)

Propriedade: Diversidad – Comunidad de
Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías
(CIADEC)

(7)

Registro: 003/ CE/ CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria
histórica travestí

Título: Danza de los negritos, Ofelia de negrita.

Carnaval de Oruro [Dança dos negrinhos, Ofélia como
negrinha. Carnaval de Oruro]

Ano: 1966

Local: Cidade de Oruro, Bolivia

Fotógrafo: Estudio Fotográfico Pantoja

Origem: Arquivos doados por Carlos Espinoza (Ofelia)

Propriedade: Diversidad – Comunidad de
Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías
(CIADEC)

(8)

Registro: 0018 CE CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria histórica travestí

Título: Franz Hidalgo (Liz) y Carlos Espinoza (Ofelia), traje de la mariposa. Carnaval de Oruro [Franz Hidalgo (Liz) e Carlos Espinoza (Ofélia), traje de borboleta. Carnaval de Oruro]

Ano: 1972

Local: Cidade de Oruro, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Origem: Arquivos doados por Carlos Espinoza (Ofelia)

Propriedade: Diversidad – Comunidad de

Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías (CIADEC)

(9)

Registro: 005 RA CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria histórica travestí

Título: Rommy Astro, Festividad del Señor Jesús del Gran Poder [Rommy Astro, Festa do Senhor Jesus do Grande Poder]

Ano: 1974

Local: Cidade de La Paz, Bolívia

Fotógrafo: Desconhecido

Propriedade: Diversidad – Comunidad de Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías (CIADEC)

(10)

Registro: 053 CE CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria histórica travestí

Título: Franz Hidalgo (Liz) y Carlos Espinoza (Ofelia), Domingo de Carnaval de Oruro [Franz Hidalgo (Liz) e Carlos Espinoza (Ofélia), Domingo de Carnaval de Oruro]

Ano: 1971

Local: Cidade de Oruro, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Origem: Arquivos doados por Carlos Espinoza (Ofelia)

Propriedade: Diversidad – Comunidad de

Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías
(CIADEC)

(11)

Registro: 054 CE CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria
histórica travestí

Título: Danny y Carlos Espinoza (Ofelia), en Fiesta de
la Virgen de Urkupiña, Quillacollo, Cochabamba
[Danny e Carlos Espinoza (Ofelia), na Fiesta da
Virgem de Urkupiña, Quillacollo, Cochabamba]

Ano: 1976

Local: Ciudad de [Cidade de] Cochabamba, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Origem: Arquivos doados por Carlos Espinoza (Ofelia)

Propriedade: Diversidad – Comunidad de
Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías
(CIADEC)

(12)

Registro: 001 CE CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria
histórica travestí

Título: Carlos Espinoza (Ofelia) con espectador, en el
Carnaval de Oruro [Carlos Espinoza (Ofélia) com
espectador, no Carnaval de Oruro]

Ano: 1968

Local: Cidade de Oruro, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Origem: Arquivos doados por Carlos Espinoza (Ofelia)

Propriedade: Diversidad – Comunidad de
Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías
(CIADEC)

(13)

Registro: 002 CE CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria histórica travestí

Título: Carlos Espinoza (Ofelia) y amiga, con espectador, en el Carnaval de Oruro [Carlos Espinoza (Ofelia) e uma amiga, com espectador, no Carnaval de Oruro]

Ano: 1968

Local: Cidade de Oruro, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Origem: Arquivos doados por Carlos Espinoza (Ofelia)

Propriedade: Diversidad – Comunidad de

Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías (CIADEC)

(14)

Registro: 004 CE CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria histórica travestí

Título: Carlos Espinoza (Ofelia) en el Domingo de Carnaval de Oruro [Carlos Espinoza (Ofélia) no Domingo de Carnaval de Oruro]

Ano: 1968

Local: Cidade de Oruro, Bolivia

Fotógrafo: Estudio Gevaert

Origem: Arquivos doados por Carlos Espinoza (Ofelia)

Propriedade: Diversidad – Comunidad de

Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías (CIADEC)

(15)

Registro: 005 CE CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria histórica travestí

Título: Carlos Espinoza (Ofelia) en barrio de la ciudad de Oruro [Carlos Espinoza (Ofélia) em um bairro da cidade de Oruro]

Ano: *circa* 1971

Local: Cidade de Oruro, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Origem: Arquivos doados por Carlos Espinoza (Ofelia)

Propriedade: Diversidad – Comunidad de

Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías
(CIADEC)

(16)

Registro: 006 CE CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria
histórica travestí

Título: Carlos Espinoza (Ofelia) en fiesta particular
con morenos y diablos, despues del Carnaval de
Oruro[Carlos Espinoza (Ofélia) em uma festa privada
com morenos e diabos, após o Carnaval de Oruro]

Ano: *circa* 1971

Local: Cidade de Oruro, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Origem: Arquivos doados por Carlos Espinoza (Ofelia)

Propriedade: Diversidad – Comunidad de
Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías
(CIADEC)

(17)

Registro: 007 CE CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria
histórica travestí

Título: Carlos Espinoza (Ofelia) en el Domingo de
Carnaval con bailarín de la diablada y amigas,
Carnaval de Oruro [Carlos Espinoza (Ofélia) no
Domingo de Carnaval com dançarina da Diablada e
amigas, Carnaval de Oruro]

Ano: *circa* 1971

Local: Cidade de Oruro, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Origem: Arquivos doados por Carlos Espinoza (Ofelia)

Propriedade: Diversidad – Comunidad de
Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías
(CIADEC)

(18)

Registro: 008 CE CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria histórica travestí

Título: Carlos Espinoza (Ofelia) en el Sábado de Carnaval bailando en el Carnaval de Oruro [Carlos Espinoza (Ofélia) no Sábado de Carnaval dançando no Carnaval de Oruro]

Ano: *circa* 1974

Local: Cidade de Oruro, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Origem: Arquivos doados por Carlos Espinoza (Ofelia)

Propriedade: Diversidad – Comunidad de

Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías (CIADEC)

(19)

Registro: 008 CE CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria histórica travestí

Título: Danny y Carlos Espinoza (Ofelia) Gran Poder,
imagen de la película Chuquiago, de Antonio Eguino
[Danny e Carlos Espinoza (Ofélia) Grande Poder,
imagem do filme Chuquiago, de Antonio Eguino]

Año: 1974

Local: Ciudad de [Cidade de] La Paz, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Origen: Archivos donados por Carlos Espinoza (Ofelia)

Propriedade: Diversidad – Comunidad de

Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías
(CIADEC)

(20)

Registro: 009 CE CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria
histórica travestí

Título: Carlos Espinoza (Ofelia) y Franz Hidalgo (Liz)
con amigas en la iglesia del Socavón, Carnaval de
Oruro [Carlos Espinoza (Ofélia) e Franz Hidalgo (Liz)
com amigas na Igreja do Socavón, Carnaval de Oruro]

Ano: 1975

Local: Cidade de Oruro, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Origem: Arquivos doados por Carlos Espinoza (Ofelia)

Propriedade: Diversidad – Comunidad de

Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías
(CIADEC)

(21)

Registro: 010 CE CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria
histórica travestí

Título: Carlos Espinoza (Ofelia) y Danny en una fiesta
particular Carnaval de Oruro [Carlos Espinoza (Ofélia)
e Danny em uma festa privada no Carnaval de Oruro]

Ano: 1975

Local: Cidade de Oruro, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Origem: Arquivos doados por Carlos Espinoza (Ofelia)

Propriedade: Diversidad – Comunidad de
Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías
(CIADEC)

(22)

Registro: 011 CE CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria
histórica travestí

Título: Carlos Espinoza (Ofelia) y Franz Hidalgo en
una casa particular, Domingo de Carnaval de Oruro
[Carlos Espinoza (Ofélia) e Franz Hidalgo em uma
casa particular, Domingo de Carnaval de Oruro]

Ano: 1975

Local: Cidade de Oruro, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Origem: Arquivos doados por Carlos Espinoza (Ofelia)

Propriedade: Diversidad – Comunidad de
Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías
(CIADEC)

(23)

Registro: 012 CE CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria histórica travestí

Título: Carlos Espinoza (Ofelia) y Franz Hidalgo en Carnaval de Oruro [Carlos Espinoza (Ofélia) e Franz Hidalgo no Carnaval de Oruro]

Ano: 1976

Local: Cidade de Oruro, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Origem: Arquivos doados por Carlos Espinoza (Ofelia)

Propriedade: Diversidad – Comunidad de

Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías (CIADEC)

(24)

Registro: 013 CE CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria histórica travestí

Título: Carlos Espinoza (Ofelia) y Franz Hidalgo en una fiesta rural de Oruro [Carlos Espinoza (Ofélia) e Franz Hidalgo em uma festa rural em Oruro]

Ano: 1976

Local: Pueblo rural de Oruro, Bolivia [Vila rural de Oruro, Bolívia]

Fotógrafo: Desconhecido

Origem: Arquivos doados por Carlos Espinoza (Ofelia)

Propriedade: Diversidad – Comunidad de

Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías (CIADEC)

(25)

Registro: 014 CE CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria histórica travestí

Título: Carlos Espinoza (Ofelia) y Franz Hidalgo en una fiesta rural de Huanuni, Oruro [Carlos Espinoza (Ofélia) e Franz Hidalgo em uma festa rural em Huanuni, Oruro]

Ano: 1976

Local: Centro de mineração de Huanuni, Oruro,
Bolívia

Fotógrafo: Desconhecido

Origem: Arquivos doados por Carlos Espinoza (Ofelia)

Propriedade: Diversidad – Comunidad de
Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías
(CIADEC)

(26)

Registro: 015 CE CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria
histórica travestí

Título: Carlos Espinoza (Ofelia) y amigas en una fiesta
rural de Oruro [Carlos Espinoza (Ofélia) e amigas em
uma festa rural em Oruro]

Ano: 1973

Local: Eucaliptus, Oruro, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Origem: Arquivos doados por Carlos Espinoza (Ofelia)

Propriedade: Diversidad – Comunidad de
Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías
(CIADEC)

(27)

Registro: 016 CE CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria
histórica travestí

Título: Carlos Espinoza (Ofelia) y dos morenos en una
fiesta rural de Oruro [Carlos Espinoza (Ofélia) e dois
morenos em uma festa rural em Oruro]

Ano: 1974

Local: Eucaliptus, Oruro, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Origem: Arquivos doados por Carlos Espinoza (Ofelia)

Propriedade: Diversidad – Comunidad de
Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías
(CIADEC)

(28)

Registro: 017 CE CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria histórica travestí

Título: Carlos Espinoza (Ofelia) y amiga en el Carnaval de Oruro [Carlos Espinoza (Ofélia) e amiga no Carnaval de Oruro]

Ano: *circa* 1973

Local: Cidade de Oruro, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Origem: Arquivos doados por Carlos Espinoza (Ofelia)

Propriedade: Diversidad – Comunidad de

Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías (CIADEC)

(29)

Registro: 018 CE CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria histórica travestí

Título: Carlos Espinoza (Ofelia) en la fiesta de Colquepata, Copacabana, La Paz [Carlos Espinoza (Ofélia) no festival de Colquepata, Copacabana, La Paz]

Ano: *circa* 1973

Local: Copacabana, La Paz, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Origem: Arquivos doados por Carlos Espinoza (Ofelia)

Propriedade: Diversidad – Comunidad de

Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías (CIADEC)

(30)

Registro: 019 CE CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria histórica travestí

Título: Carlos Espinoza (Ofelia) en la Fraternidad

Morenada Central de Oruro, Carnaval [Carlos

Espinoza (Ofélia) na Fraternidade Morenada Central de Oruro, Carnaval]

Ano: *circa* 1973

Local: Cidade de Oruro, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Origem: Arquivos doados por Carlos Espinoza (Ofelia)

Propriedade: Diversidad – Comunidad de

Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías
(CIADEC)

(31)

Registro: 020 CE CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria
histórica travestí

Título: Franz Hidalgo (Liz) en el Carnaval de Oruro
[Franz Hidalgo (Liz) no Carnaval de Oruro]

Ano: *circa* 1972

Local: Cidade de Oruro, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Origem: Arquivos doados por Carlos Espinoza (Ofelia)

Propriedade: Diversidad – Comunidad de
Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías
(CIADEC)

(32)

Registro: 021 CE CIADEC 2012

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria
histórica travestí

Título: Franz Hidalgo (Liz) en el Carnaval de Oruro
con tropa de morenos [Franz Hidalgo (Liz) no
Carnaval de Oruro com um grupo de morenos]

Ano: *circa* 1974

Local: Cidade de Oruro, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Origem: Arquivos doados por Carlos Espinoza (Ofelia)

Propriedade: Diversidad – Comunidad de
Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías
(CIADEC)

(33)

Registro: 006/PA/CIADDEC 2013

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria histórica travestí

Título: Barbarella, la China Morena en la Festividad del señor Jesús del Gran Poder, La Paz [Barbarella, a China Morena na Festa do Senhor Jesus do Grande Poder, La Paz]

Ano: *circa* 1974

Local: Departamento de La Paz, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Propriedade: Diversidad – Comunidad de

Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías (CIADDEC)

(34)

Registro: 009/CV/CIADDEC 2013

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria histórica travestí

Título: Candy Vizcarra, la China Morena con tres osos, en la Fiesta de la Virgen de Urkupiña, Quillacollo, Cochabamba [Candy Vizcarra, a China Morena com três ursos, na Festa da Virgem de Urkupiña, Quillacollo, Cochabamba]

Ano: *circa* 1972

Local: Departamento de Cochabamba, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Propriedade: Diversidad – Comunidad de Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías (CIADEC)

(35)

Registro: 0010/CV/CIADEC 2013

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria histórica travestí

Título: Candy Vizcarra, la China Morena en fiesta del barrio San Antonio, La Paz [Candy Vizcarra, a China Morena em uma festa no bairro de San Antonio, La Paz]

Ano: *circa* 1974

Local: Departamento de La Paz, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Propriedade: Diversidad – Comunidad de

Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías
(CIADEC)

(36)

Registro: 0011/CV/CIADEC 2013

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria
histórica travestí

Título: Candy Vizcarra, la China Morena en fiesta del
barrio San Antonio, La Paz [Candy Vizcarra, a China
Morena em uma festa no bairro de San Antonio, La
Paz]

Ano: *circa* 1973

Local: Departamento de La Paz, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Propriedade: Diversidad – Comunidad de
Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías
(CIADEC)

(37)

Registro: 0012/VER/CIADEC 2013

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria
histórica travestí

Título: Verónica de China Morena en una fiesta de Inti
Raymi, Lago Titicaca, La Paz [Verónica como uma
China Morena em uma festa de Inti Raymi, Lago
Titicaca, La Paz]

Ano: *circa* 1973

Local: Departamento de La Paz, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Propriedade: Diversidad – Comunidad de
Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías
(CIADEC)

(38)

Registro: 0013/LCH/CIADEC 2013

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria histórica travestí

Título: Lucha. Luis Vela, en una fiesta rural [Lucha. Luis Vela, em um festival rural]

Ano: *circa* 1974

Local: Departamento de La Paz, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Propriedade: Diversidad – Comunidad de Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías (CIADEC)

(39)

Registro: 0014/LCH/CIADEC 2013

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria histórica travestí

Título: Lucha. Luis Vela, en una fiesta rural [Lucha. Luis Vela, em um festival rural]

Ano: *circa* 1973

Local: Departamento de La Paz, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Propriedade: Diversidad – Comunidad de
Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías
(CIADEC)

(40)

Registro: 0015/LCH/CIADEC 2013

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria
histórica travestí

Título: Lucha. Luis Vela, en una fiesta rural con un
hombre, rostro borrado por la protagonista [Lucha.
Luis Vela, em um festival rural com um homem, rosto
apagado pela protagonista]

Ano: *circa* 1973

Local: Departamento de La Paz, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Propriedade: Diversidad – Comunidad de
Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías
(CIADEC)

(41)

Registro: 0016/LCH/CIADEC 2013

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria histórica travestí

Título: Juana Carrasco, amiga de Cholita y Lucha (Luis Vela), en una fiesta rural con un hombre, rostro borrado por la protagonista [Juana Carrasco, amiga de Cholita e Lucha (Luis Vela), em um festival rural com um homem, rosto apagado pela protagonista]

Ano: *circa* 1974

Local: Departamento de La Paz, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Propriedade: Diversidad – Comunidad de

Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías (CIADEC)

(42)

Registro: 0017/LCH/CIADEC 2013

Acervo: Archivo Q'iwa, la china morena: memoria histórica travestí

Título: Barbarella, Lucha (Luis Vela) y bailarines de Caporales en una fiesta rural [Barbarella, Lucha (Luis Vela) e dançarinos de Caporales em um festival rural]

Ano: *circa* 1975

Local: Departamento de La Paz, Bolivia

Fotógrafo: Desconhecido

Propriedade: Diversidad – Comunidad de

Investigación Acción en Derechos y Ciudadanías
(CIADEC)

Cortesía Archivo Q'iwa, la China Morena: Memoria
Histórica Travestí

7. TAKWEER

[instagram.com/takweer_](https://www.instagram.com/takweer_)

A Takweer é uma plataforma bilíngue online e um acervo em expansão, fundado em setembro de 2019 pelo artista multidisciplinar e designer Marwan Kaabour. O objetivo da Takweer consiste em compilar, arquivar, pesquisar e celebrar narrativas queer na história e na cultura popular árabe. O acervo abrange exemplares de arte, cinema, televisão, música, literatura, poesia, revistas, teatro, memes e cultura popular árabes – e muito mais. Kaabour analisa as histórias árabes de maneira indiscriminada e com um pente fino em busca de narrativas queer. Em seguida, ele retira essas histórias de seus ambientes originais para pesquisá-las e recontextualizá-las com uma lente queer. A Takweer contesta a narrativa dominante relacionada à queerness árabe, como é vista pela mídia tradicional e pelas sociedades árabe e

ocidental, e se apresenta como uma alternativa e um desafio ao discurso queer eurocêntrico. A Takweer também atua como um ponto de partida para projetos com foco em assuntos específicos. O Queer Arab Glossary [Glossário árabe queer], que explora as gírias queer nos dialetos árabes, é o primeiro projeto realizado pelo arquivo e foi publicado em junho de 2024 pela Saqi Books. Em setembro de 2024, a página da Takweer no Instagram tinha mais de 23 mil seguidores e incluía mais de 160 registros de arquivo. Esses registros abrangem toda a região de língua árabe, do Iraque, no leste, ao Marrocos, no oeste, e sem limitação temporal.

LEGENDAS

(1)

Khawal

O *khawal* era um dançarino egípcio tradicional, travestido em roupas femininas, e foi popular até o

final do século 18 e início do século 19. Após as mulheres serem proibidas de dançar em público, jovens e homens travestidos tomaram seu lugar em todo o Oriente Médio. O *khawal* imitava a *ghawazi* feminina, dançando com castanholas, pintando as mãos com hena, trançando os longos cabelos, raspando os pelos faciais, usando maquiagem e adotando maneirismos tipicamente femininos. Os *khawals* se diferenciavam das mulheres por usar uma mistura de roupas masculinas e femininas. O *khawal* atuava em vários eventos, como casamentos, nascimentos, circuncisões e festivais. Na gíria egípcia moderna, *khawal* é um termo depreciativo utilizado para se referir a homens homossexuais.

1. metropostcard.com
2. unidentified photographer / fotógrafo não identificado
3. Délié & Béchard
4. Wilhelm Hammerschmidt of Cairo / do Cairo

(2)

Madani

A Acid era uma lendária boate localizada nos arredores de Beirute e funcionou de 1999 até 2010. Era conhecida por seus frequentadores predominantemente LGBTQIA+, pelo excelente sistema de som e por sua lista de DJs. Enquanto suas portas ainda estavam abertas, era a Meca da vida noturna para grande parte da comunidade LGBTQIA+ libanesa e pan-árabe.

1, 2, 3: @ustaz_marwan

4: Imagens internas da Acid no canal salut720 do YouTube [Footage from inside Acid via salut720 YouTube channel]

5: Fouad El Khoury, Acid, 1999

(3)

Namash

Abdulaziz Annamash foi um ator kuwaitiano, conhecido por interpretar várias personagens femininas ao longo de sua carreira no teatro e na televisão, em especial a personagem Umm Ouleiwi. O teatro no Kuwait começou a se desenvolver no início dos anos 1960 e, devido à escassez de atrizes ativas na época, os homens assumiriam o papel das mulheres. Isso levou Abdulaziz Annamash a desempenhar papéis femininos ao longo de toda a sua carreira, exceto em duas situações em que interpretou homens. Embora personificar o sexo oposto pudesse causar problemas com as autoridades no Kuwait, os atores que interpretavam personagens femininas não eram mal vistos. Pelo contrário, Annamash é uma figura muito amada e respeitada na televisão e no teatro kuwaitianos, especialmente por representação de mulheres.

(4)

Bussy

(5)

Banana

(6)

Eid Mubarak [Festival Abençoado]

As atrizes egípcias Sabreen e Suheir Ramzi se beijando

(7)

Pacha

Cartaz de Bint al-basha al-mudir (A filha do diretor Pasha, 1938) dirigido por Ahmad Galal. Este filme é um dos primeiros exemplos de uma trama completa construída em torno do travestismo. O diretor também estrelou o filme junto com sua esposa, Mary Queen, e a sobrinha de sua esposa, Asya. Esta é forçada a se disfarçar como seu irmão Hikmat e o substitui em um emprego como tutor em uma rica propriedade no

interior do Egito. Asya, como Hikmat, torna-se um símbolo do mundanismo e da dissidência sexual para os membros de uma rica família Pasha. Uma das filhas do dono da propriedade, Badriya, é atraída sexualmente por Hikmat.

Legenda retirada de “Unlocking the Arab Celluloid Closet: Homosexuality in Egyptian Film” [Abrindo o armário de celuloide árabe: homossexualidade no cinema egípcio], de Garay Menicucci.

(8)

Anus [Ânus]

(9)

Boyat

Bassem Feghali @bassemfeghali é um artista libanês, imitador de celebridades e icônica drag queen. Sua influência na comunidade árabe LGBTQIA+, na comunidade drag e na cultura popular em geral é

imensa. Desde o início de sua carreira, em meados dos anos 1990, Bassem foi capaz de se conectar com todo o mundo árabe e, de alguma forma, “enganá-lo” para que aceitasse e celebrasse sua(s) persona(s) drag. Sua engenhosidade, criatividade e performances inovadoras continuam sendo influentes e importantes até a atualidade. Há muito a ser dito sobre Bassem e sua ilustre carreira e, por isso, eu recomendo a leitura do brilhante artigo publicado na @bidounmagazine em 2009 sobre ele, intitulado “A Rainha”, escrito por @waellazkani.

(10)

Um-Khultum

A lendária cantora egípcia Umm Kulthum recebendo um beijo de uma mulher não identificada, possivelmente uma admiradora. Muito se especula sobre a sexualidade de Um Kulthum, seja a partir de supostas histórias ou análises sobre sua música, mas nenhuma delas chegou a uma resposta conclusiva.

(11)

Diab-Alkarssifi

Retrato posado de uma mulher não identificada, pelo fotógrafo libanês Diab Alkarssifi, data desconhecida.

(12)

Hashem-Madani

(13)

Najm posando com vestido de noiva. Foto de Hashem el Madani, Studio Shehrazade, Saida, década de 1950. Esta faz parte de um acervo inteiro de fotografias compiladas pelo artista libanês Akram Zaatari @akramzaatari.

(14)

Marie-ElKhazen

Duas mulheres vestidas com ternos masculinos.

Marie al-Khazen, Zgharta, Líbano, *circa* 1920. Acervo Mohsen Yammine @arabimagefoundation

Marie al-Khazen cresceu em Zgharta, no norte do Líbano. Suas fotografias da vida rural no Líbano da década de 1920 são consideradas um registro valioso e único da época e do lugar em que vivia. Trecho do artigo de Yasmine Nachabe sobre a foto: “Nesta foto, ela encenou a si mesma e sua irmã como homens, a fim de expressar seu desejo de ser vista como uma mulher que compartilha o mesmo poder dos homens de sua sociedade. Al-Khazen não estava sozinha neste esforço. Em um clima de crescente intelectualidade feminina no Líbano, escritoras ativistas como Anbara Salam e Salma Sayegh manifestaram preocupações sobre a imagem em transformação da mulher.

Al-Khazen optou por se identificar com símbolos masculinos. Talvez a masculinidade lhe atraísse mais do que a feminilidade porque representa poder, liberdade e independência. Ela escolheu abandonar as noções de feminilidade construídas na imprensa feminina, que enfatizavam a beleza e o casamento”.

(15)

ALLF

Frente Árabe de Libertação Lésbica. Grafite encontrado em Beirute, fonte desconhecida.

Arab Lesbian Liberation Front. Found graffiti in Beirut, unknown source.

(16)

Ismail-Yassine

(17)

Fotografia sem data de Ismail Yassine (1912-1972) vestindo uma camisola feminina. Yassine foi um ator egípcio e gênio da comédia, que ficou famoso por se travestir totalmente para interpretar a personagem Al Anisa Hanafi no filme homônimo de 1954.

(18)

Miss Hanafi

Miss Hanafi [Senhorita Hanafi] é uma comédia egípcia de 1954, que conta a história de “Hanafi” (Ismail Yassin), um homem misógino que controla sua amante Nawa'em (Magda). Hanafi exerce sobre ela toda a sua autoridade masculina, impedindo-a de sair, controlando a maneira como ela se veste etc.; e na noite do casamento de Nawaem, Hanafi sente fortes dores de estômago e é transferido para o hospital para realizar uma operação.

A operação acaba sendo uma “cirurgia de redesignação sexual” acidental, que transforma Hanafi em “Fifi”, que volta à casa do pai açougueiro para viver sua nova vida. Mais tarde, ela se apaixona por Abu Saree (Riad Al-Qasabji). Ela foge e se casa com ele, e depois dá à luz quadrigêmeos.

Miss Hanafi foi o primeiro filme a abordar questões trans e a reatribuição de gênero no Egito, e foi um grande sucesso. O crédito se deve à visão relativamente progressista do filme em relação à mudança de gênero, uma vez que não a criminaliza

nem a ridiculariza, mas, por outro lado, mostra-a como uma questão relativamente “normal”, sendo tratada dessa forma pelos personagens do filme.

(19)

Ottoman [Otomano]

Cena que mostra dois homens em um abraço erótico, na Turquia otomana, provavelmente em Istambul, no século 18, atribuída a Abdullah Bukhari, ano 1743.

Scene depicting two men in an erotic embrace, Ottoman Turkey, probably Istanbul, 18th century, ascribed to Abdullah Bukhari, 1743 AD.

(20)

Masculine Ladies [Mulheres masculinas]

Recortes de uma revista egípcia de 1925 que mostra uma mulher vestindo roupas masculinas. A legenda da fotografia, que parece se dirigir às leitoras da revista, diz: “Mulheres masculinas: recentemente, este novo obteve sucesso na América, em que as

mulheres aparecem com um look que em nada difere do de um homem. Qual é a opinião, cara leitora, sobre isso?”

(21)

Lel Regal Fakat

Lel Regal Fakat (*Apenas para homens*, 1964) é uma comédia egípcia que aborda locais de trabalho segregados por gênero, estrelada por Nadia Lutfi e Soad Hosny. As duas geólogas são impedidas de ir ao projeto de exploração de petróleo por ser um local “apenas para homens”. Quando chegam à sede da empresa dois homens que se candidataram ao cargo, Salwa e Hind (Nadia Lutfi) pegam suas credenciais e seguem para o Sinai. Ao chegarem, Salwa e Hind, agora vestidas de homem, imediatamente se sentem atraídas por dois técnicos de perfuração, Fawzi e Ahmad. O filme trata principalmente da crescente tensão sexual entre elas e os técnicos, que não sabem que os geólogos são mulheres disfarçadas.

Este texto possui referências ao ensaio de Garay Menicucci, “Unlocking the Arab Celluloid Closet: Homosexuality in Egyptian Film”, de 1998

(22)

Ramadan [Ramadã]

Para muitos de nós, jovens árabes queer (e não queer!) que crescemos no final dos anos 1980 e nos 1990, o Ramadã está intimamente associado a assistir ao *Fawazeer* de Sherihan, uma extravagância de canto e dança. Recentemente, todos nós tivemos de enfrentar tempos difíceis e desafiadores, então, para este Ramadã, vamos começar com uma explosão de cor e positividade. *Ramadan Kareem* [Que o Ramadã seja abençoado]!

(23)

Graffiti [Grafite]

Tradução: Os Queers passaram por aqui, Ramallah, Palestina.

(24)

Sarah Hegazi (1989-2020)

(25)

Kocek

Cartão-postal mostrando um dançarino *köçek*. A legenda diz “Danseuse Arab” (dançarina árabe). *Circa século 19.*

O *köçek* era tipicamente um jovem dançarino muito bonito, que se travestia com roupas femininas e trabalhava como artista. A palavra turca deriva do termo persa کچوک

(*kuchak*), que significa “pequeno” ou “jovem”. A cultura do *köçek*, que floresceu do século 17 ao século 19, teve sua origem nos costumes dos palácios e haréns otomanos. Os jovens, muitas vezes usando maquiagem pesada, enrolavam os cabelos e os usavam em longas tranças sob um pequeno chapéu de veludo decorado com moedas, joias e ouro. Dizia-se que eles eram “sensuais, atraentes,

afeminados” e que suas danças eram “sexualmente provocantes”. Os dançarinos giravam os quadris em movimentos lentos e rítmicos, estalando os dedos e fazendo gestos sugestivos. Os *köçeks* eram explorados sexualmente, muitas vezes por quem pagava mais. Mais tarde, o fenômeno *köçek* chegaria ao Egito, onde os dançarinos eram chamados de *khawal*, um termo que é comumente usado na atualidade para se referir de forma depreciativa a um homem homossexual.

(26)

Shaneera

Shaneera é o título do EP de 2017 da artista kuwaitiana @fatimaalqadiri. Na capa, ela aparece usando maquiagem pesada como Shaneera, seu *alter ego* feminino extremo e malévolo; o design é inspirado nas imagens de capas de discos de divas pop do mundo árabe. Ela comenta: “Lembro de ver isso em revistas femininas, na TV, e com estrelas pop,

nos shoppings. Foi a maquiagem mais extrema que eu já vi para um grupo tão grande de pessoas usar ao mesmo tempo. No início, senti desprezo por isso e considerei como uma forma extrema de feminilidade. Mas dentro de um mês, comecei a compilar essas imagens de forma obsessiva”. O EP tem a participação de diferentes vocalistas da comunidade LGBTQIA+, muitos dos quais aparecem com nomes falsos por medo de se colocarem em uma situação perigosa: Bobo Secret, Lama3an e Chaltham, também conhecido como o artista Khalid al Gharaballi, um colaborador de longa data de Al Qadiri. Na faixa 2 do EP, “Is2aleeha”, Al Qadiri faz alusão e usa *samples* de Bassem Feghali, a drag queen mais famosa do mundo árabe. O clipe referenciado é aquele em que ele se faz passar por Wafaa Al Kilani, uma famosa apresentadora egípcia de *talk shows* de TV conhecida por fazer perguntas contundentes e embaraçosas.

(27)

Hatem Hamdi

Dançarina do ventre egípcia e instrutora de dança do ventre Hatem Hamady, também conhecida como Tommy King.

(28)

Naguib

(29)

Acervo Amgad Neguib, cortesia da Arab Image Foundation, Beirut [Fundação da Imagem Árabe, Beirute]

(30)

Etel

(31)

Mido

El-Denya Hek foi uma série de comédia libanesa que estreou em 1976 e durou três temporadas, em meio à guerra civil do país. A série apresentava diversos personagens alegres, a fim de representar diferentes elementos da sociedade libanesa. O clipe é um trecho do episódio de estreia da série, que apresenta os atores e personagens recorrentes Ghazi Shermind, no papel de Al-Sikhityani, o cantor bigodudo de Tarab que usa roupas tradicionais, e Youssef Fakhry, no papel do extravagante e perspicaz Koukou. Nesta cena, Koukou entra com seu “amigo” Mido (não foi possível encontrar o nome do ator). Mido veste uma roupa verde requintada. Ele está aqui para mostrar a Al-Sikhityani sua própria abordagem artística e continua fazendo uma serenata para ele, de uma maneira descaradamente afeminada:

“Sou bonito e delicado, e todas os lindos têm inveja de mim

Eu sou bonito e mimado, e todos os olhos deles estão em mim”

(32)

Sabah Bassem

A lendária cantora libanesa Sabah (1927-2014), vista posando com o famoso imitador de celebridades femininas Bassem Feghali. Sabah era uma cantora e atriz animada e prolífica, conhecida por suas ideias desconcertantes de moda e por sua estética *camp*. Bassem Feghali é o lendário imitador de mulheres e drag queen, que se destacou ao personificar Sabah ao longo de sua carreira. Bassem admirava e se inspirava em Sabah, enquanto ela aceitava e apoiava seu talento. Os dois têm uma conexão mais forte do que se imagina. Ambos cresceram em Wadi Shahrour, uma aldeia no Monte Líbano. Alega-se até que os dois são parentes distantes. Aqui, vemos as duas rainhas, alguns meses antes da morte de

Sabah, em 2014, posando juntas de maneira afetuosa.

(33)

Cross Dress Woman [Mulher travestida]

Série de fotografias do Líbano, do Egito e da Palestina, de mulheres vestidas com roupas masculinas. Todas as fotografias fazem parte da Arab Image Foundation. Trecho do artigo de Yasmine Nachabe no *Al-Raida*, “Cross-dressing in Photographs of 1920 and 1930s Egypt, Palestine and Lebanon” [Travestismo em fotografias do Egito, da Palestina e do Líbano nos anos 1920 e 1930], 2013:

“Parece que o fotógrafo e o modelo pensaram previamente na escolha da pose e do fundo, bem como consideraram as roupas dos modelos, todos arrumados de maneira meticulosa. As mulheres parecem libertadas das restrições do vestuário e das expectativas sociais sobre como se comportar, posar e agir como mulheres”.

Nota: Não temos como saber a identidade de gênero dos modelos das fotos. A legenda se baseia em como elas são arquivadas na Arab Image Foundation.

Slide 1: Fatma Ahmad Al Hussein vestida com roupa masculina. Acervo Shahwar Hegazi, Arab Image Foundation. Fotografia por Hilmy. Helwan, Egito, 1926

Slide 2: Mulher com roupa masculina. Acervo Mohsen Yammine. Fotografia por Marie El Khazen. Zgharta, Líbano, 1927

Slide 3: Marguerite, vestida com roupa masculina. Acervo Alice Agazarian. Fotografia não identificado. Jerusalém, Palestina, 1935

Slide 4: Mulher sentada e vestida com roupa masculina. Acervo FAI. Fotografia por Muhamad Orabi. Trípoli, Líbano

Slide 5: Mulher vestida com roupa masculina. Acervo Amgad Neguib. Fotografia não identificado, Egito

Slide 6: Adeline Abiad vestida com roupa masculina. Acervo Aimée Say. Fotografia não identificado. Haifa, Palestina, 1920-1930

Slide 7: Mulher vestida com roupa masculina. Acervo Azar-Choucair. Fotografia não identificado. Beirute, Líbano, 1920-1930

(34)

Trans man [Homem trans]

Mulher ou Homem?

A história de como Hasiba Hanum se tornou Hikmat Bek

Extraído de “Al-Balagh Al-Osbou’ee”, sexta-feira, 22 de abril de 1927, Egito

Uma história que conta as origens e a jornada de um homem trans

(35)

Queen 52 [Rainha 52]

Neste dia, 21 anos atrás, a polícia egípcia promoveu um ataque à boate queer Queen Boat e prendeu 52 homens... e até agora eles ainda estão prendendo homens gays por nenhum crime verdadeiro. Os 52 do Cairo foram os homens presos em 11 de maio de 2001, a bordo de uma boate gay flutuante chamada Queen Boat, que estava atracada no rio Nilo, no Cairo, Egito. Dos 52 homens detidos, 50 foram acusados de “prática habitual de devassidão” e “comportamento obsceno” nos termos do artigo 9c da Lei n. 10 de 1961 sobre Combate à Prostituição. Outros dois foram acusados de “desrespeito à religião” nos termos do artigo 98f do Código Penal. Todos os 52 homens se declararam inocentes. De acordo com a Comissão Internacional dos Direitos Humanos de Gays e Lésbicas (IGLHRC), os homens foram submetidos a espancamentos e exames forenses para “provar sua

homossexualidade”. Todos os 52 homens foram mantidos 22 horas por dia em duas celas apertadas, sem camas.

Doze anos depois, em 2013, e em homenagem ao incidente da Queen Boat, ativistas dos direitos dos homossexuais no Egito estabeleceram o dia 11 de maio como o Dia Egípcio contra a Homofobia (EDAHO), uma semana antes do Dia Internacional contra a Homofobia, que se comemora em 17 de maio.

(36)

Madonna

O exato momento em que a cantora libanesa The Lady Madonna inventou o drag. Fotógrafo desconhecido, *circa* meados da década de 1990

(37)

Togo

Mistreated by *Affluence* (Maltratados pela riqueza)

(Togo Mizrahi, 1937)

Trecho de “Togo Mizrahi and the Making of Egyptian Cinema”, de Deborah A.

Starr, publicado pela University California Press, 2020:

“... No caminho para seu primeiro encontro com suas possíveis amantes, Chalom (Leon Angel, um ator e cineasta judeu de Alexandria que era mais conhecido por seu nome artístico, Chalom) ameniza a ansiedade de desempenho de Abdu (Ahmad al-Haddad)

oferecendo ele um tutorial de como beijar. Segurando um buquê de flores, Chalom aconselha: “Diga a ela: ‘Pegue este presente’. Diga a ela também: ‘Venha aqui, meu amor’. E assim como nos filmes...” Chalom então se inclina e beija os lábios de Abdu.

Para Mizrahi, não foi suficiente arrancar risadas ao retratar os dois homens se beijando. A câmera corta para um segundo ângulo que mostra o motorista

observando o abraço pelo retrovisor e depois voltando o olhar para o banco traseiro. A presença de uma testemunha, de um público, indica a autoconsciência do filme sobre o ato como uma performance”.

(38)

Lebanese [Libanês]

(39)

Amanda

Modelo norte-americana, cantora, artista performática e ícone trans Amanda Lepore no Aeroporto Internacional de Dubai, 2013.

(40)

Diab

Modelo norte-americana, cantora, artista performática e ícone trans Amanda Lepore no Aeroporto Internacional de Dubai, 2013

American model, singer, performance artist, and trans icon Amanda Lepore at Dubai International Airport, 2013

(41)

Bassem

(42)

Khawal

Foto que mostra um dançarino *khawal*, também conhecida como *sabi 'alma*, ao lado de dois homens tocando instrumentos musicais no Egito, 1875. O *khawal* era um dançarino tradicional egípcio que se vestia com roupas femininas. A tradição foi popular até o final do século 18 e início do século 19. Após as mulheres serem proibidas de dançar em público, jovens e homens travestidos tomaram seu lugar em todo o Oriente Médio. O *khawal* imitava a *ghawazi* feminina dançando com castanholas, pintando as mãos com hena, trançando os longos cabelos,

raspando os pelos faciais, usando maquiagem e adotando maneirismos femininos. Os *khawals* se diferenciavam das mulheres por usar uma mistura de roupas masculinas e femininas. O *khawal* atava em várias funções, como casamentos, nascimentos, circuncisões e festivais. Na gíria egípcia moderna, *khawal* é um termo depreciativo usado para se referir a homens homossexuais.

Biblioteca Nacional Austríaca – Número de inventário:
FKB *2886, 31

(43)

Mounira

A cantora egípcia Mounira El Mahdeya (1885-1965) é vista aqui vestida com o traje tradicional Effendi (palavra usada para se referir a homens nobres ou da classe alta). Ela comentou:

Mounira El Mahdeya: “Eu queria me ver nas roupas de um *effendi* para me tranquilizar sobre meu futuro se, Deus me livre, algum dia eu me tornasse um

homem”. A foto foi publicada neste número de uma revista de 1954, em uma época em que as operações de redesignação sexual atraíam muita atenção da mídia.

(44)

Baba

(45)

Anwar al-Baba (1925-1952) nasceu e se criou em Damasco. Em 1937, ele fundou um grupo de teatro amador com dois outros jovens talentosos, Tayseer al-Saadi e Fahd Keikati. Na época, era comum atores homens assumirem papéis de mulheres, devido às normas sociais conservadoras. Em 1947, al-Baba criou a personagem Um Kamel, uma mulher tradicional que falava um dialeto provinciano damasceno. Um Kamel era cheia de humor, superstições e ignorância. Vestida com uma capa preta e branca, usando óculos de lentes grossas e

portando suas contas de oração, assim como as idosas sírias, ela era analfabeta, engraçada, mesquinha, mas sábia. Um Kamel era a estrela de um programa de rádio diário de enorme sucesso, para o qual al-Baba gravou mais de 200 episódios. Em 1950, Baba começou a escrever uma coluna no semanário cultural *al-Dunya* chamada “Um Kamel fala com você” e, em 1960, ele trouxe Um Kamel para as telas da TV. Al-Baba disse: “Ela é a parteira popular e a idosa damascena, que ocupou as pessoas com suas notícias durante 40 anos. Ela acompanhou os gigantes da arte árabe, e com eles teceu muitas histórias, tomou emprestado de mulheres idosas seus movimentos, palavras e casas, para usá-los a serviço da arte”.

(46)

Van Leo

Autorretratos de Van Leo, sem data.

Fotos de Book II: *Self-Portraiture* [Livro II: Auto-retrato], *Becoming Van Leo* [Tornar-se Van Leo], de autoria de Karl Bassil em colaboração com Negar Azimi e Katia Boyadjian, 2021.

Van Leo (1921-2002) foi um fotógrafo armênio-egípcio que, em seus 60 anos de carreira, deixou um conjunto de retratos e autorretratos, incluindo autorretratos em trajes femininos e maquiagem. Não se fala muito sobre o travestismo de Van Leo ou sobre sua sexualidade. A seguir, um trecho de “Van Leo, the Reluctant Surrealist” [Van Leo, o surrealista relutante] no @cornelluniversity Institute for Comparative Modernities [Instituto de Modernidades Comparadas – ICM]:

“Enquanto Angelo (irmão de Van Leo) era conhecido por ser mulherego, Van Leo era menos, e certamente não na década de 1940. Apesar da correspondência sedutora que recebia de suas admiradoras, ele era um jovem introvertido, que priorizava o trabalho e seus desafios”.

(47)

God [Deus]

Estátua encontrada na região de Tel el-Ramd, na Síria moderna, datada de 6000 a.C., que mostra a Deusa Mãe como simultaneamente feminina e masculina, com dois seios e um grande falo, representando a divindade e a totalidade de Deus.

(48)

Court [Tribunal]

Mahkamat El-Freij (Tribunal Freij, 1967), foi uma das primeiras obras dramáticas improvisadas a ser exibida na televisão nacional do Kuwait. O show tinha a forma de um cenário simulado de um tribunal, apresentando um grupo de mediadores cuidando de disputas entre as pessoas. Neste episódio, Nabil (ou como ele pronuncia, Napil, interpretado pelo ator kuwaitiano Ali Al Braiki), que trabalha como cabeleireiro para mulheres, entra com sua esposa. Nabil fala com um tom agudo e maneirismos afeminados para descrever

aos mediadores que pretende divorciar-se de sua esposa.

Ele afirma que está terrivelmente exausto do casamento, enquanto sua esposa afirma que não quer mais ser a esposa de Nabil porque ele não é homem o suficiente, e o descreve como “Maye” (molusco; balançante). Os medidores, um grupo de homens tradicionais e masculinos, acham a situação muito engraçada, assim como o público que a assiste. Nesta cena, vemos formas contrastantes de masculinidade literalmente em julgamento umas contra as outras.

(49)

Nik

(50)

Thawra

Tradução: Queers estiveram aqui, Revolução!

Beirute, 2019

(51)

Souad

Um beijo entre as atrizes egípcias Soad Hosny (1943-2001) e Soher El Bably (1937-2021), *Game of Love and Marriage* [O jogo do amor e do casamento] (1964)

(52)

Hanan

Hanan El Tawil, nascida em 1966, foi uma atriz egípcia que atuou entre 1999 e 2003, até sua morte prematura em 2004. Ela é considerada a primeira mulher árabe abertamente trans a aparecer no cinema, na televisão e no teatro. Ela interpretou vários papéis, principalmente a senhorita Inshirah no filme *El Nazer* (2000) e *El Sit Korea em Askar fi El Moaskar* (2003). Diz-se que sua família apoiou sua transição, assim como grande parte da indústria cinematográfica do Egito. No entanto, também era sabido que com frequência ela enfrentava casos de

assédio e zombaria. Ela morreu no Hospital Psiquiátrico Abbasiya, onde fora internada contra sua vontade. O hospital afirma que ela cometeu suicídio, mas na noite em que morreu, ela foi submetida a uma eletroterapia que provavelmente causou sua morte. Sua família se recusou a reclamar seu corpo e enterrá-la, então o chefe do sindicato de atores egípcio o fez.

Nota: no momento da pesquisa e publicação desse texto, não tínhamos ciência das opiniões transfóbicas e homofóbicas de Haifa Magic. A comunidade LGBTQIA+, como qualquer outra, tem a sua parcela de pessoas com opiniões discriminatórias, misóginas e que promovem o ódio. Condenamos e rejeitamos essas opiniões profundamente problemáticas e preconceituosas.

(53)

Kiss [Beijo]

(54)

Dois homens se cumprimentam com um beijo diante do souk do Portão de Damasco, em Jerusalém, na Palestina

(55)

Tattoo [Tatuagem]

(56)

Shanab

Um artigo publicado pela revista *Al-Ithnayan wal-Dunya* em 1942, intitulado: “Se eu tivesse bigode”. A revista perguntou a um grupo de atrizes: se fossem homens, que bigode elas escolheriam?

Umm Kulthum disse que, se fosse homem, rasparia o bigode, enquanto Raqia Ibrahim acreditava que, se fosse homem, optaria por deixar crescer a barba em vez do bigode.

Zouzou Shakib escolheu um bigode grande e torcido e disse que desejava abrir uma loja de venda de

baklava e que esse tipo de bigode combinava com essa visão.

Já Bahija Hafez preferia o bigode que cobre o lábio superior, para não precisar torcê-lo, para não a distrair de sua vida ocupada de empresário.

Asia escolheu o bigode fino, o que indica que seu dono tem um temperamento brando e, por isso, consegue conquistar o coração das virgens e competir com outros homens no campo do amor e da paixão. Desde que ela seja conhecida por fazer parte de sociedades sofisticadas, permanecendo acordada a noite toda e dormindo o dia todo.

Rouhiya Khaled adorava a profissão de marinheiro e queria que seu bigode fosse enorme, que seu cabelo estivesse solto e que usasse roupas de marinheiro para viajar pelo mundo de um polo ao outro. Ela queria possuir uma grande frota, de navios militares ou comerciais, desde que assumisse o comando e que os homens em posições inferiores obedecessem às suas ordens.

Zeenat Sidqi desejava que seu bigode cobrisse a distância entre o nariz e a boca e que fosse abundante e vigoroso. Ela queria ser um filho elegante de um país que usa turbante e uma *gallibaya* tradicional, delicado quando necessário e ousado quando necessário.

(57)

Strip [Pista]

Landing Strip [Pista de pouso] é uma série fotográfica do artista Kader Attia (argelino-francês) que registra a vida de um grupo de profissionais do sexo transexuais argelinos que viviam em Paris no final dos anos 1990 e início dos anos 2000. Enfocando a intimidade compartilhada do grupo, e com fotos tiradas ao longo de aproximadamente dois anos, Attia procurou captar e apresentar a vida real das pessoas da comunidade. O título da série é o nome dado pelas mulheres ao Boulevard onde trabalham. Esta avenida longa e reta,

que separa o centro de Paris dos subúrbios, assemelha-se a uma pista de aeroporto.

(58)

Ghanawi

Trecho de *Ghanawi El-Murtahin*, episódio

“Cabeleireiro para mulheres”, 1999, uma série de comédia do Bahrein. O trecho acima, do episódio “Cabeleireiro para mulheres”, mostra uma representação estereotipada de um cabeleireiro afeminado.

(59)

Cross [Troca/Mistura]

Revista *Musawwar*, número: 1.032 – 21 de julho de 1944

A legenda da foto diz: Com graça incomparável, Ismail Yassin (comediante egípcio) tenta descer do ônibus, enquanto Gamalat Hassan (dançarina e atriz

egípcia) se antecipa e pega sua mão para apoiá-lo, por medo de cair.

Parte de uma série de fotos da revista *Musawwar*, em que atores e atrizes egípcios trocaram suas roupas e fizeram *cosplay* do gênero oposto.

(60)

Haifa Drag

Cortesia Takweer, Líbano

8. ARCHIVO HONDURAS CUIR

[instagram.com/archivohondurascuir](https://www.instagram.com/archivohondurascuir)

O Archivo Honduras Cuir (AHC) é um projeto de pesquisa criado para proteger, recuperar e disseminar a memória queer de Honduras, como uma resposta política à violência e à falta de acesso à memória histórica queer na região. Nascemos em 2022, na capital Tegucigalpa, com a missão de reunir e resgatar um Acervo documental que atue contra a narrativa heterossexual, hegemônica e colonial que reduziu as pessoas de natureza diversa a serem vistas publicamente apenas sob a perspectiva das crônicas policiais ou do exotismo. Nós protegemos a memória das pessoas travestis/trans, lésbicas, gays, bissexuais e intersexuais. Nosso Acervo tem ao todo 2,5 mil itens (livros, revistas, tecidos, ingressos de bares clandestinos, cartas, jornais e, sobretudo, fotografias tiradas por nós mesmas). A maioria dos

itens vem das décadas de 1970, 1980 e 1990, ou da primeira década deste século –o mais antigo data de 1937. Desde seu nascimento, o AHC se envolveu com a comunidade da diversidade (e com o público em geral) por meio de atividades para disseminar a memória que foi recuperada em nossa pesquisa. Organizamos exposições fotográficas e rodas de conversa, colocamos placas comemorativas em espaços históricos para a comunidade trans, e realizamos oficinas e passeios.

LEGENDAS

(1)

Comayagüela e o Centro de Tegucigalpa são as áreas onde, historicamente, a comunidade se sente mais livre para viver e se manifestar. Embora nunca tenham sido espaços 100% seguros, as prisões ilegais e outras violações de direitos eram apenas um pouco menos frequentes. Na década de 1960,

surgiram nessas duas áreas os primeiros concursos de beleza de que temos conhecimento. Ainda na década de 1990 contavam-se histórias sobre prisões ilegais, apenas por a pessoa estar andando em um via pública vestindo roupas “opostas a seu sexo”

Acervo Associação Kukulcán, *circa* 1985

(2)

Concurso de beleza “Miss Talento Gay” (1994). As competidoras posam com sua versão da vestimenta típica da cidade interiorana de El Progreso, em Yoro, Honduras.

Acervo Scarcha Montes de Oca, *circa* 1994

(3)

La Osmán, no centro da imagem, na segunda edição do concurso “Miss Talento Gay” (*) (1996) em El Progreso, Yoro, na boate Globos. A seu lado, com um

microfone, está La Bárbara, que foi a mestre de cerimônias naquela noite. Perto de La Osmán está La Estrellita. As três meninas da imagem já faleceram: uma de overdose, outra assassinada em um crime não resolvido e outra de HIV.

(*) Até meados da década de 2000, muitos concursos de beleza eram identificados como “gays”, não “trans”, uma vez que a identidade trans foi reconhecida apenas tardiamente em Honduras.

Acervo Scarcha Montes de Oca, 1996

(4)

Scarcha Montes de Oca organizava concursos de beleza em El Progreso. “Eu me lembro que, naquele ano, as autoridades não queriam que realizássemos o concurso e tivemos que recorrer ao departamento de Direitos Humanos para obter autorização e, no final, acabamos conseguindo”, recorda Scarcha. Nesta

fotografia, Karla “La Mariposa” [A Borboleta] aparece durante um desses concursos.

Acervo Scarcha Montes de Oca, *circa* 1996

(5)

Em 1998, Abigail Galindo Soto se apresentou de maneira graciosa na passarela do concurso “Miss Talento Gay” em El Progreso, Yoro. Porém, no final do evento, o ambiente foi marcado por um incidente infeliz: várias participantes relataram ter tido, quando saíam, uma violenta discussão com pessoas desconhecidas. Esta fotografia, parte do legado fotográfico de Abigail Galindo Soto, capta não apenas um momento de celebração, mas também as complexidades e os desafios que, muitas vezes, acompanham a busca por visibilidade e respeito.

Acervo Abigail Galindo Soto, *circa* 1998

(6)

Corazón foi uma mulher trans e ativista que, nas décadas de 1970 a 1990, em Comayagüela, organizava famosos concursos e festas para a comunidade. A memória desses primeiros encontros foi consolidada em seus álbuns fotográficos, quando foi concebida a ideia de se organizar um movimento político para acabar com os abusos do Estado. Temos muito poucas informações sobre esta imagem, pois ela faz parte de um dos quatro álbuns encontrados que pertenciam à falecida Corazón; não restam muitas pessoas capazes de reconhecer as identidades daqueles que aparecem nas imagens. Esta foto mostra um momento de uma dessas festas, na casa de Corazón, que acreditamos ser da década de 1980, mas permanece o mistério em relação às pessoas retratadas.

Acervo Corazón, *circa* 1985

(7)

Abelino (no centro da fotografia) posa em uma das festas realizadas nas áreas de mercados de Tegucigalpa. Foi durante essas festas que a comunidade queer de Tegucigalpa se organizou para defender seus direitos diante da opressão estatal.

Acervo Corazón, *circa* 1985

(8)

A diferença entre a forma como nos vemos, em oposição à representação que nos é atribuída – injustamente – nos meios de comunicação, demonstra bem a discriminação que vivenciamos. Na imagem de cima, Corazón (a ruiva) posa com amigos em uma de suas festas na década de 1980. Na imagem de baixo, os participantes posam para a imprensa local naquela mesma noite. Observe a legenda da foto, na imagem jornalística, que tem um texto problemático; veja também a diferença das

poses captadas em um curto período. Ambas as imagens foram encontradas nos álbuns de Corazón.

Acervo Corazón, *circa* 1985

(9)

Balboa era uma boate (um *night club*, como se chamava na época) para pessoas heterossexuais localizada em Comayagüela, não muito longe do parque El Obelisco. Era uma boate em um bairro da luz vermelha da capital hondurenha. Na imagem, Abigail Galindo Soto posa durante seu show: ela foi a primeira mulher trans a realizar shows no local.

Acervo Abigail Galindo Soto, *circa* 1998

(10)

Durante décadas, vários bares gays funcionaram de maneira clandestina. A entrada de qualquer pessoa era muito perigosa, pois poderia resultar em um bar

fechado e em uma batida policial, situação em que todos acabariam na prisão e, posteriormente, expostos ao público nos jornais da manhã seguinte. Foi por isso que se criou um sistema de adesão e cartões de entrada, não apenas para garantir a fidelização dos clientes, mas também para evitar ataques. Cartão doado por Javier Medina ao Arquivo Honduras Cuir.

Acervo Javier Medina, *circa* 1996

(11)

Casal de amigos posa em uma festa à fantasia em Tegucigalpa, Honduras. A Noite das Bruxas é uma celebração muito popular na comunidade queer do país, não só por causa da influência norte-americana, mas também porque é uma data que nos permite fantasiar e experimentar.

Acervo Associação Kukulcán, *circa* 1995

(12)

Tocava a famosa canção “Papa don’t preach” de Madonna, e Scarcha saiu e realizou uma coreografia para entreter o público. Naquela noite compareceram não somente pessoas da comunidade da diversidade, mas principalmente heterossexuais que vieram assistir ao concurso “Miss Talento Gay” (edição de 1997). Esses concursos eram um grande escândalo em El Progreso e sempre tiveram muitos participantes. O “Miss Talento Gay” (que na verdade era um concurso de talentos trans) foi realizado por vários anos consecutivos, reunindo participantes de diferentes lugares de Honduras.

Acervo Scarcha Montes de Oca, *circa* 1996

(13)

O Fundo Kukulcán (que se originou da organização homônima de defesa dos direitos humanos e da comunidade) foi o primeiro a chegar ao Arquivo Honduras Cuir. Várias destas imagens enfocam os concursos dos anos 1990 e também nos mostram os primórdios da organização (noites culturais, protestos nas ruas e reuniões de trabalho). O Kukulcán, juntamente com o Comitê da Diversidade de Honduras, produziu uma publicação que é uma espécie de memória fotográfica da comunidade, intitulado *Nuestra Historia a través de las imágenes: memorias, imágenes y movimiento* (Nossa História através de imagens: memórias, imagens e movimento) (2013). Essa publicação serviu de inspiração para o nascimento do nosso Arquivo.

Acervo Kukulcán, *circa* 1994

(14)

Scarcha Montes de Oca posa com uma arma de brinquedo na cidade de El Progreso, Yoro.

Acervo Scarcha Montes de Oca, *circa* 1990

(15)

“6 de julho de 1995. Colônia Bendeck (em El Progreso, Yoro). 5h00.

Você foi embora sem nem se despedir de mim. Senti tristeza e muito arrependimento.

Adeus

Rafael.

Circo Jimmy Macedo (Jeny)”

Acervo Scarcha Montes de Oca, 1995

(16)

Cena entre amigas em uma festa do Corazón (de cabelo ruivo). Embora não conheçamos a identidade

das pessoas da foto, os cartões-postais de Corazón nos permitem ver uma Tegucigalpa onde surgiu o movimento político organizado da diversidade sexual. Estas fotografias deixam claro que o movimento nasceu nas áreas marginais dos mercados de Comayagüela e foi liderado por mulheres trans mestiças, que trabalhavam em bordéis, salões de beleza, bares e no próprio mercado. Além disso, nestas primeiras imagens, percebe-se que nem todos os participantes eram da comunidade – também havia um grande número de heterossexuais presentes nas festas de Corazón.

Acervo Corazón, *circa* 1980

(17)

Da esquerda para a direita, Rebeca (que foi assassinada em um crime ainda impune), Corazón (que morreu no primeiro ano da pandemia de Covid-19) e Melvin La Madonna (que ainda vive na

capital) posam na área dos mercados de Tegucigalpa. Elas estão diante do salão de beleza Corazón, que pertencia à ativista que vemos na imagem.

Acervo Corazón, *circa* 1990

(18)

As chamadas “zonas de tolerância” eram espaços em que a comunidade podia viver e trabalhar com relativa calma, sem medo de prisões ilegais e outras formas de discriminação. Embora não fossem espaços totalmente seguros, uma vez que encontramos reportagens sobre o assassinato de pessoas queer nos jornais da época. O bairro de Belén era uma dessas zonas de tolerância, onde bares e bordéis eram os espaços frequentados naquele momento. Na foto, vemos um grupo de amigos conversando em um bar de Belén (Comayagüela), por volta de 1965. Essa é uma das imagens mais antigas do nosso Arquivo, e podemos identificar claramente Alma Violeta (é a pessoa da esquerda que toca no cabelo): ela é uma

das mães do movimento moderno em favor de nossa comunidade.

Acervo José Zambrano, *circa* 1965

(19)

Um grupo de amigos se reúne após um concurso de beleza em Tegucigalpa. Os concursos de beleza devem ser entendidos como espaços que permitem dinâmicas de autoexploração, reafirmação, brincadeira e busca de identidade em um ambiente livre de julgamentos. É por isso que os concursos são muito mais do que coroas e faixas – são uma forma de construir laços fortes entre a nossa comunidade.

Acervo Kukulcán, *circa* 1993

(20)

Idania Robertina (à esquerda) e Corazón (à direita) posam em uma festa realizada em 1985. Tanto Idania Robertina quanto Corazón foram duas das mães do movimento organizado em seus primórdios, graças a seu ativismo. Idania Robertina, costureira de profissão, foi assassinada por volta de 2013 em Tegucigalpa, em um crime ainda não solucionado, e Corazón, estilista e comerciante, morreu em 2020 de parada cardíaca, no início da pandemia de Covid-19. Ambas as ativistas eram tão conhecidas que apareciam em jornais e noticiários de TV expressando opiniões a favor da comunidade, mesmo em décadas em que não era comum ver pessoas trans, exceto na imprensa sensacionalista.

Acervo Corazón, *circa* 1983

(21)

A *Revista de Policía* foi uma publicação mensal que circulou durante os difíceis anos da ditadura do conservador Tiburcio Carías Andino (1876-1969). Essa publicação funcionava como instrumento de controle social, apresentando casos policiais com o objetivo de instruir os cidadãos sobre o rígido código de conduta imposto pelo regime de Carías Andino. Os casos relatados não apenas simbolizavam o que o regime não toleraria, mas também representavam uma tragédia social na conservadora Tegucigalpa para aqueles que eram mencionados na revista. Nesta edição de 1937, o item mais antigo que temos no Arquivo Honduras Cuir, é contada a história de Rosita Barahona, que foi presa pela polícia por vestir roupas femininas. *Revista de Policía*, 1937, Tegucigalpa, Honduras. Agradecemos à pesquisadora hondurenha Luisa Aguilar por esta valiosa contribuição.

Pouco se sabe sobre a chamada “Escola Correccional Juvenil”, mas suspeita-se que era um estabelecimento militar em Tegucigalpa, Honduras, que funcionava como reformatório. Acredita-se que nesse local, durante anos, dissidentes sexuais foram submetidos à tortura e a terapias de conversão. Aqui temos um fragmento de uma curta reportagem jornalística que menciona Sebastiana Ávila Núñez: “Sebastiana Ávila Núñez, uma simpática morena de 19 anos... ganhava a vida realizando atividades sexuais desde criança, porque sua mãe havia ordenado que ela fosse mulher... A Direção Geral de Polícia, com o intuito de reintegrar totalmente este homem ao seu género, obriga-o a praticar exercícios militares e dará a ele um trabalho que escolherá nas oficinas da Escola (Escola Correccional Juvenil)”. Na imagem que acompanha o texto, vemos Sebastiana vestida de mulher, em 1941, em oposição à sua aparência um ano depois, quando se veste de homem após ingressar na instituição.

Jornal *El Cronista* 1942. Encontrado pela pesquisadora Luisa Aguilar.

(22)

No escaldante verão de 1992, José Zambrano (à esquerda) compartilha momentos de alegria com seu companheiro no Centro de Tegucigalpa.

Acervo José Zambrano, 1992

(23)

“No dia mais especial da sua vida, receba um abraço. Tão grande assim. Estando longe de você, minha memória continua a mesma. Lembre-se de mim quando ler esta inicial: ‘W’.

Não estou dizendo a você algo bonito, mas, sim, algo verdadeiro: que minha amizade é infinita e meu coração é sincero”.

Cartão feito à mão em papelão.

Acervo Abigail Galindo Soto, 1994

(24)

“Bom, eu te digo que sempre me lembro muito de você, mesmo que você não acredite, mas a realidade é que a amizade que temos é muito sincera. E você também faz muita falta, porque com você indo embora, todos os eventos acabaram, pois era você quem realizava todos os eventos. Agora que você foi embora, tudo está morto. Bem, até as bichas mudaram”.

Durante os cinco anos que viveu nos Estados Unidos, Scarcha Montes de Oca guardou cartas, recibos, notificações do governo, cartões de visita e recibos em um livro que atualmente faz parte do acervo que leva seu nome.

Acervo Scarcha Montes de Oca, 2004

(25)

Scarcha Montes de Oca organizava concursos de beleza em El Progreso. Nesta imagem, ela está vestida de preto ao lado de Karla “La Mariposa” [A Borboleta], na saída de um concurso de beleza. Eles posam com a família de Karla. “Eu me lembro de que, naquele ano, as autoridades não queriam que realizássemos o concurso e nós tivemos que ir ao departamento de Direitos Humanos para obter autorização e, no final, conseguimos”, recorda Scarcha.

Acervo Scarcha Montes de Oca, *circa* 1996

(26)

Há décadas, o parque El Obelisco (localizado em Comayagüela) é um local onde a comunidade realiza o trabalho sexual. Isso ocorreu depois que uma portaria municipal, no final da década de 1990, criminalizou o trabalho sexual no bairro de Palmira, o

que fez com que muitas fossem obrigadas a procurar um novo espaço para trabalhar.

Na imagem, um grupo de amigas tira um retrato antes de iniciar a noite de trabalho no parque El Obelisco.

La Campero (que vive na Europa), Bessy Ferrera (assassinada em um crime impune), Abigail Galindo (viva) e Michell (assassinada em um crime impune).

Acervo Abigail Galindo Soto, 1995

(27)

No coração de Comayagua, em 1948, nasceu uma figura que desafiou as normas de seu tempo: Alma Violeta Velásquez. Seu destino a levou para

Tegucigalpa, onde floresceu seu talento natural para a arte da estilística. Seu salão de beleza se tornou o palco onde desfilavam as esposas de coronéis e generais durante as turbulentas ditaduras dos anos 1970. Alma Violeta Velásquez não era conhecida apenas por sua

beleza cativante, mas também por sua voz ousada que ecoava pelas páginas dos jornais. Em uma época sombria, quando a diversidade sexual era objeto de ridículo e de estigmatização, ela se manteve firme e com dignidade. Suas opiniões, fervorosas e provocativas, desafiaram as normas e se tornaram um eco da resistência. No início da década de 1980, ela ganhou as manchetes denunciando que “seu direito de ser bicha fora violado” após ser expulsa de uma festa de caridade organizada pelos militares, por se vestir como mulher. Sua coragem provocou uma enorme reação, iluminando a luta por nossos direitos. O legado de Alma Violeta não termina em sua história pessoal: sua influência foi fundamental na criação de um movimento político que buscava o reconhecimento e a dignidade dos dissidentes sexuais. Seu impacto chegou a tal ponto que uma das primeiras organizações de defesa dos nossos direitos leva seu nome: Colectivo Violeta.

Acervo Coletivo Violeta, *circa* 1965

(28)

Cinco corajosas mulheres trans posam durante a Semana Santa em frente ao rio Humuya em Santa Rita, Yoro. Esta imagem, captada nas férias de verão, reflete um momento significativo em que essas meninas se uniram para divulgar informações sobre saúde sexual e distribuir preservativos aos turistas às margens do rio. Essas atividades marcaram o início do que mais tarde se tornaria a organização que o grupo fundaria: o Prodesa (Proyecto Decisión Salud, ou Projeto Decisão em Saúde).

Da esquerda para a direita vemos Génesis Dayanara Montiel, que mora em El Progreso, Yoro; Astrid Carolina, cuja vida foi interrompida em um trágico assassinato na Cidade da Guatemala; Glinda, que infelizmente faleceu por complicações relacionadas ao HIV; Scarcha Montes de Oca, que mora em El Progreso, Yoro; e, por fim, Bárbara, que, assim como

Astrid, foi vítima da violência na Cidade da Guatemala.

Acervo Scarcha Montes de Oca, *circa* 1991

(29)

Esta imagem retrata um concurso de beleza da comunidade no início dos anos 1990 em Tegucigalpa. Os concursos de beleza são um reflexo significativo da cultura da comunidade LGBTQIA+ em Tegucigalpa. Esses eventos não eram apenas espaços de competição, mas também verdadeiros refúgios onde as pessoas podiam explorar sua identidade e se expressar de maneira livre, longe da discriminação e do perigo que muitas vezes enfrentavam na vida cotidiana.

A participação de jovens nessas competições é especialmente importante, pois representa uma procura precoce de aceitação e validação em um ambiente que pode ser hostil. Para muitos, conquistar

uma coroa não era apenas um reconhecimento pessoal, mas também um símbolo de orgulho e de pertencimento a uma comunidade que luta por sua visibilidade e por seus direitos.

Contudo, é triste perceber que a cobertura da mídia realizada naquela época com frequência distorcia a essência desses concursos. Ao invés de enfocarem a celebração da diversidade e a beleza única de cada participante, os meios de comunicação tendiam a apresentar tais eventos a partir de uma perspectiva de exotismo e ridículo. Isso não só contribuiu para a estigmatização da comunidade, mas também afetava a autoestima das participantes, ao serem retratadas de forma depreciativa em um espaço que deveria ser de celebração.

Acervo Corazón, *circa* 1987

(30)

A memória de Sigfrida Shantall Pastor Argüelles caiu em total esquecimento, apesar de, por três décadas, ela ter protagonizado algumas das notícias mais chocantes relatadas pelos jornais hondurenhos. A doutora em odontologia Sigfrida Shantall foi uma fonte inesgotável de manchetes escandalosas para os jornais da conservadora Honduras. A vida de Shantall pode ser dividida em três grandes momentos midiáticos. Em 1978, ela desembarcou de um avião diante de um grande grupo de jornalistas que a aguardavam para cobrir um acontecimento extraordinário: ela desceu orgulhosamente as escadas do avião, anunciando ser a primeira mulher do país a se submeter a uma cirurgia de redesignação sexual. Dez anos depois, em 1988, Shantall processou o Estado para ser legalmente reconhecida como mulher. Essa batalha durou uma década, com Shantall saindo vencedora dos tribunais, tornando-se a única hondurenha até hoje a obter tal

feito jurídico. No entanto, em 1998, sua vida foi interrompida violentamente quando foi assassinada em sua casa. Embora Sigfrida Shantall e Alma Violeta fossem contemporâneas, não existem provas de que se conheciam ou que fossem amigas. Seus ativismos eram marcadamente diferentes, e sua influência se deu em campos muito diferentes, embora compartilhassem de visibilidade e de uma voz firme e determinada na defesa de suas vidas com dignidade. Ainda temos muitas dúvidas sobre a vida de Shantall, mas o nosso Arquivo está conduzindo uma investigação para esclarecê-las.

Jornal *La Tribuna*, 23 de fevereiro de 1988.

(31)

Nesta imagem, Corazón está segurando uma flor e é possível ler uma legenda desgastada que diz: “Yo soy Corazón” [Eu sou Corazón].

Corazón foi uma mulher trans que organizava festas nas áreas da luz vermelha em volta dos mercados da

capital de Honduras. Festa após festa, e cansadas do assédio estatal, elas começaram a pensar em como se organizar melhor para exigir seus direitos. Talvez um dos fatos mais esquecidos no ativismo de nossa comunidade seja o de que o movimento se iniciou nas zonas de prostituição, com mulheres trans e travestis que trabalhavam no mercado, nos bares ou no comércio sexual.

Durante muito tempo, o maravilhoso legado de Corazón e de suas festas se perdeu. Porém, graças ao trabalho do nosso Arquivo, foram encontrados três álbuns que contam a vida de Corazón e de suas amigas. Até a descoberta dos álbuns de Corazón, nós não tínhamos nenhuma imagem que registrasse a vida dessa corajosa ativista, cuja luta deixou uma marca duradoura na história da defesa dos direitos humanos.

Acervo Corazón, *circa* 1985

(32)

“Primeira parada gay, Tegucigalpa, 2001. Comunidade Travesti. Parque e áreas em volta do Centro”.

“First gay parade, Tegucigalpa, 2001. Transvestite community. Park and areas around downtown.”

Acervo Associação Kukulcán, *circa* 2001

(33)

Desde o início do ano 2000, surgiu o que logo se consolidaria como uma tradição fascinante: a reimaginação das roupas das *palillonas*, as jovens estudantes cis que, ao som dos tambores, celebram o Dia da Independência. Trata-se de um ato de apropriação cultural, que transforma uma tradição cis-heteronormativa em um símbolo de dissidência trans. A partir daquele momento, e em um contexto no qual as ameaças começavam a diminuir, as mulheres trans passaram a desfilarem nesta comemoração.

Porém, a ideia de mulheres trans desfilando vestidas de *palillonas* nem sempre foi vista de forma positiva.

Em 2023, por medo de ataques e violência, não havia um só grupo trans de palillonas. A imagem apresentada foi captada durante a Marcha do Orgulho de San Pedro Sula, em 2007. Neste cartão-postal, é possível ver o grupo de *palillonas* do Colectivo Violeta. Na parte de cima, da esquerda para a direita, estão Yoins, María e La Pompo. Na parte de baixo, Gaby (falecida), Amandita (assassinada), Easy e Sofía.

Acervo Abigail Galindo Soto, 2007

(34)

Abigail Galindo Soto, cofundadora do Arquivo Honduras Cuir, desempenhou um papel crucial na preservação da história e da memória da comunidade LGBTQIA+ em Honduras. Seu Acervo de 700 imagens não apenas capta momentos de sua vida pessoal, mas também registra a rica e complexa história de amor, amizade e ativismo que caracteriza

essa comunidade. A imagem exposta é do interior de sua sala, no ano 2000.

O trabalho de Abigail é essencial para se recuperar a memória coletiva, o que se torna ainda mais urgente em um contexto em que a violência e a discriminação têm levado muitas pessoas a viverem na invisibilidade. As mudanças e os deslocamentos fragmentaram a história da comunidade, fazendo com que muitas lembranças e experiências se perdessem ao longo do caminho. Por meio de seu arquivo, Abigail não apenas busca preservar essas memórias, mas também dar voz às histórias que, muitas vezes, permanecem silenciadas.

Acervo Abigail Galindo Soto, 2000

(35)

Bessy Ferrera, captada nesta fotografia por Abigail Galindo Soto, aparece no bar Pincho Loco, localizado no bairro de Guanacaste, em Tegucigalpa. Sua vida

foi interrompida de forma violenta em 2019, quando foi assassinada em Comayagüela, em um ataque ainda não solucionado, no qual mais duas pessoas trans também ficaram gravemente feridas.

Acervo Abigail Galindo Soto, *circa* 2009

(36)

Durante vários anos, Abigail Galindo Soto transitou por uma Tegucigalpa marcada pela violência, sempre com uma câmera na mão. Seu legado se destaca como um dos primeiros Acervos a ser integrado ao Archivo Honduras Cuir, do qual é uma das fundadoras.

Nesta imagem, captada na saída de sua apresentação no bar Balboa de Comayagüela, em 1999, reflete-se o seu espírito indomável.

Acervo Abigail Galindo Soto, 1999

(38)

Esta foto não tem legenda.

(39)

Scarcha Montes de Oca é uma mulher trans do interior de Honduras que, durante cinco anos, viveu e trabalhou nos Estados Unidos. Em seus anos nesse país, Scarcha reuniu e guardou alguns objetos que resumem sua experiência migratória.

Acervo Scarcha Montes de Oca, 2005

Cortesia Archivo Honduras Cuir, Honduras

9. QUEER ARCHIVE FOR MEMORY REFLECTION AND ACTIVISM (QAMRA)

qamra.in

Esta seleção de imagens do Queer Archive for Memory, Reflection, and Activism (Arquivo Queer para a Memória, a Reflexão e o Ativismo – QAMRA), localizado em Bangalore, oferece um retrato poderoso dos aspectos sociais, legais e culturais da jornada em direção ao reconhecimento dos direitos LGBTQIA+ na Índia. Uma característica importante é a batalha dentro e fora dos tribunais para descriminalizar a homossexualidade e a identidade transgênero na Índia. Isso produziu um rico acervo de declarações juramentadas, transcrições de julgamentos, peças processuais, entrevistas com advogados e ativistas, reportagens da mídia, mensagens públicas, programas de televisão, clippings de notícias, artigos de opinião em jornais, fotografias, textos jurídicos,

pôsteres e uma ampla gama de materiais relacionados ao tema, como arquivos judiciais e artigos de papelaria. Organizadas cronologicamente, as imagens em exibição oferecem uma ideia da crescente visibilidade das pessoas e comunidades LGBTQIA+, bem como de uma mudança gradual e positiva nas atitudes sociais relativas às questões da homossexualidade e dos direitos das pessoas trans. Elas destacam as fortes conexões entre as mudanças legais, sociais e culturais que ocorreram na Índia, especialmente nos últimos 40 anos. O QAMRA, da National Law School of India University (Faculdade Nacional de Direito da Universidade da Índia), é um acervo multilíngue e multimídia que se baseia em coleções de indivíduos e organizações.

LEGENDAS

(1)

Separação dos documentos legais da IPC 377 (Seção 377 do Código Penal Indiano)

(2)

Acervos de jornais no QAMRA

(3)

Espaço QAMRA na Faculdade Nacional de Direito da Universidade da Índia, em Bangalore

(4)

Imagem da capa de *The World of Homosexuals* (O mundo dos homossexuais) (1977), de Shakuntala Devi (1929-2013), matemática e astróloga. É um dos primeiros relatos do modo de vida gay na Índia

(5)

Leela e Urmila eram duas policiais que “se casaram” em 1988, dando origem a uma cobertura

sensacionalista por parte da mídia e à indignação popular. O casamento de pessoas do mesmo sexo ainda não é legalizado na Índia (2024)

(6)

Revista *Shamakami* – Fórum de Lésbicas e Bissexuais Feministas do Sul da Ásia, 1991

(7)

Relatório pioneiro do AIDS Bhedbhav Virodhi Andolan (Movimento de Combate à Discriminação da Aids – ABVA), Nova Deli, 1991

(8)

O AIDS Bhedbhav Virodhi Andolan (Movimento de Combate à Discriminação da Aids – ABVA) protesta contra a perseguição da polícia aos homossexuais, Nova Deli, 1992

(9)

Arambh: Um Movimento Indiano de Gays e Lésbicas ,
1993

(10)

Número da revista *Bombay Dost* de 1993, que inclui
um artigo sobre um “casamento” lésbico

(11)

Friends India (Amigos da Índia), exposição de Bhupen
Khakhar (1934-2003), artista indiano gay de renome,
publicação do Humsafar Trust, cartão-postal do Dia
Mundial de Combate à Aids, 1994

(12)

Declaração de Liberdade por um grupo de ativistas
gays, 1995

(13)

Capa da revista *Pravartak* e um panfleto do Sabrang, coletivo queer de Bangalore, 1996

(14)

Trikone – Lésbicas e Gays do Sul da Ásia, 1996

(15)

Documentos relativos ao Seminário sobre os Direitos dos Gays, organizado por estudantes da Faculdade Nacional de Direito da Universidade da Índia em 1997

(16)

Uma publicação do Friends India (Amigos da Índia), um grupo de conscientização e aconselhamento sobre o HIV/Aids, Lucknow, 1997.

(17)

1. Palestra pública do Dr. Chandra Balachandran, Bangalore, Bengaluru, 1998

2. Versão na língua canarim do texto acima

3. Convite para o encontro nacional de mulheres que amam mulheres, Bombaim, 1998.

4. Capa da revista *Bangalore*, 1998

5. Boletim informativo *Sanghamitra LesBiGay*, 4º aniversário do grupo de apoio a gays Good as You (Bom como Você), Bangalore, 1998

(18)

Cartaz do filme *Fire* (Fogo), que causou polêmica por sua representação do amor lésbico (1996); panfleto que registra os comentários feitos contra o filme pelo Sangini Helpline and Support Group (Linha de Ajuda e grupo de Apoio Sangini), Nova Deli, 1999

(19)

Materiais da Friendship Walk (Caminhada da Amizade), Calcutá, 1999. É a mais antiga caminhada pública a favor dos direitos das pessoas queer na Índia

(20)

Panfleto de um grupo de apoio às mulheres, 2000;
Let's Talk Men (Vamos falar sobre os homens),
documentário de Rahul Roy, 2000.

(21)

Sangini Mirch Masala, 2001; artigo de Deepa
Vasudevan sobre suicídios de lésbicas e o Movimento
de Mulheres de Querala, 2001; Mandado de
segurança da Fundação Naz que contesta a Seção
377 do Código Penal Indiano no Tribunal Superior de
Deli, 2001.

(22)

Ficha de informações da ONG Sangama sobre
mulheres lésbicas e bissexuais, 2002; Manifestação
“Justiça para Chandini”, 8 de dezembro de 2002,
Bangalore.

Chandini, uma mulher transgênero, foi assassinada
por seu parceiro, o que teve como consequência

exigências pela prisão do autor do crime; Número especial da revista *Bombay Dost: Sex, Lies, and Lucknow* (Sexo, mentiras e Lucknow), relativo à prisão de pessoas que realizavam divulgação sobre HIV/Aids em Lucknow, 2002.

(23)

Captura de tela do documentário *Many People, Many Desires* (Muitas pessoas, muitos desejos), do protesto “Justiça para Chandini” em Bangalore, 2002.

(24)

Panfleto do Hijra Habba, um festival organizado pelo Vividha, um coletivo sediado em Bangalore que tem como foco os direitos das pessoas transgênero

(25)

Relatório da Voices Against 377 (Vozes contra a 377), uma coalizão de organizações e pessoas a favor dos direitos LGBTQIA+, direitos humanos e direitos das

crianças com sede em Deli, que mais tarde entrou com uma ação no Tribunal Superior de Deli e na Suprema Corte para contestar a validade jurídica da Seção 377 do Código Penal Indiano (a lei que criminalizou a homossexualidade)

(26)

Recortes de jornal sobre prisões em Lucknow, 2003. A prisão de quatro homens com base na Seção 377 do Código Penal Indiano, ocorrida em Lucknow, por supostamente administrarem um clube gay online inflamou a opinião das ONGs que se opuseram à ação policial

(27)

O Fórum Social Mundial, realizado em Bombaim em 2003, reuniu ativistas dos direitos LGBTQIA+ e outros ativistas dos direitos humanos e movimentos sociais de todo o mundo. A Rainbow Planet (Planeta Arco-Íris) foi uma coalizão de profissionais do sexo e

ativistas dos direitos das minorias sexuais que se destacaram no evento com cartazes e pôsteres como estes

(28)

Cartaz de *Many People, Many Desires* (Muitas pessoas, muitos desejos), um filme de T Jayashree que narra o modo de vida queer em Bangalore. O filme conta as histórias de pessoas gays/bissexuais/lésbicas que vivem na cidade, abordando questões de classe, gênero, idioma e casta

(29)

Recortes de jornal de um *Maitri karar* (contrato de amizade) entre duas mulheres. O *Maitri karar* é um sistema contratual tradicional de Gujarat, atualmente ilegal, que legitima relações de tipo matrimonial, o que ocorre com mais frequência entre um homem casado e sua amante solteira

(30)

Capas das revistas *Sangha Mitra*, *Pukaar* e *Scripts*, 2005. Todas estas revistas apresentam temas queer e são publicadas por diferentes organizações LGBTQIA+

(31)

Recortes de jornais em inglês e guzerate do acervo Maya Sharma-Indira Pathak na QAMRA, 2006.

(32)

Os Princípios de Yogyakarta sobre a aplicação da Lei Internacional dos Direitos Humanos em relação à orientação sexual e à identidade de gênero, promulgados como resultado de um encontro internacional de grupos de direitos humanos em Yogyakarta, Indonésia, em novembro de 2006. Os Princípios de Yogyakarta mais 10 (YP +10) foram aprovados em 10 de novembro de 2017 para complementar os Princípios de Yogyakarta. Arvind

Narrain, advogado de direitos humanos e ativista dos direitos LGBTQIA+ que vive em Bangalore, fez parte das consultas relacionadas aos YP +10

(33)

Imagens e cartazes da primeira edição da Parada do Orgulho de Bangalore, realizada em 2008

(34)

Cartaz da Queer Azadi (Liberdade Queer) Mumbai 2008 (uma parada do orgulho realizada em Bombaim)

(35)

Número do Law and Society Trust Journal (Jornal do Fundo para o Direito e a Sociedade) sobre a decisão do Tribunal Superior de Deli relativa à Fundação Naz. Em 2009, o Tribunal Superior de Deli revogou (descriminalizou) a Seção 377 do Código Penal

Indiano. A decisão foi contestada no Supremo Tribunal por várias pessoas e organizações, incluindo organizações religiosas de várias crenças

(36)

Capa da *Fun* magazine, 2010

(37)

Recortes de jornal sobre a Parada do Orgulho e Bangalore, 2010

(38)

Matéria de capa da revista Outlook (Perspectiv) com casais de lésbicas na Índia, 2013

(39)

Artigo da revista *Periscope* (Periscópio) sobre Santhi Soundarajan, uma atleta indiana que perdeu a medalha de prata que havia conquistado nos Jogos Asiáticos de 2006, depois de não ter passado em um

teste de verificação de sexo que contestou sua aptidão para participar na competição feminina

(40)

Matéria de capa sobre os protestos contra a decisão do Supremo Tribunal no processo Suresh Kumar Koushal *versus* Fundação Naz, que anulou a decisão do Tribunal Superior de Deli que havia descriminalizado a homossexualidade. Os ativistas LGBTQIA+ se mobilizaram sob o lema “No Going Back!” (Sem volta!)

(41)

Convite para o lançamento do QAMRA no Fórum de Direito Alternativo, realizado em Bangalore, em novembro de 2017

(42)

Cartaz de uma passeata e reunião de protesto realizadas em Nova Deli, em 2018, contra a Projeto

de Lei sobre os Direitos dos Transgêneros e o Projeto de Lei sobre o Tráfico. O evento foi organizado pelos grupos Vikalp e Sabrang. Os dois projetos de lei foram criticados pelos ativistas LGBTQIA+ e dos direitos humanos por sua abordagem retrógrada

(43)

Caminhada do Orgulho durante a pandemia de Covid-19 em Bangalore, 2020

(44)

Materiais dos eventos da Parada do Orgulho de Bangalore, 2021

(45)

Cartazes do Festival de Cinema Queer de Bangalore de 2003, 2012 e 2013

(46)

Poesia de A. Revathi em tâmil (sem data). A. Revathi é uma escritora, ativista e atriz de teatro que atua em prol dos direitos das minorias sexuais e de gênero. Em 2004, publicou seu primeiro livro em tâmil, *Unarvum Uruvamum* (Nossas vidas, nossas palavras), que conta histórias reais de pessoas que pertencem à comunidade Hijra no Sul da Índia

(47)

Fotografia sem data de um protesto do AIDS Bhedbhav Virodhi Andolan (Movimento de Combate à Discriminação da Aids – ABVA) na sede da polícia, Nova Deli

(48)

Panfleto sem data do Fundo Humsafar, uma ONG de Bombaim que promove os direitos LGBTQIA+

(49)

Publicação do Nigah intitulada Queer Basics, um guia para se refletir sobre a sexualidade. O Nigah é um coletivo queer sediado em Deli que trabalha com questões de gênero e sexualidade. O documento fornece orientações para se refletir sobre a sexualidade, com respostas a perguntas comuns sobre noções básicas queer

(50)

Adesivos em inglês e hindi de uma linha de ajuda administrada pela Sangini, uma organização sediada em Nova Deli que desde 1997 presta serviços de aconselhamento a pessoas LBT

(51)

Cartões-postais sem data de conscientização sobre HIV/Aids

(52)

Panfleto sem data do acervo do QAMRA

(53)

Do espaço inicial do QAMRA em Cooke Town,
Bangalore, antes de ser transferido para a Faculdade
Nacional de Direito da Universidade da Índia

Cortesia QAMRA, Índia

10. GALA QUEER ARCHIVE

gala.co.za

O GALA é uma organização independente, sem fins lucrativos, registrada e sediada na University of the Witwatersrand (Wits), em Joanesburgo, África do Sul. Inicialmente chamado de Gay & Lesbian Archives (Arquivos de Gays e Lésbicas), o GALA Queer Archive foi criado em 1997 para abordar o apagamento e a omissão relativos às vidas e histórias queer nos museus e arquivos públicos da África do Sul. O final da década de 1990 foi uma época em que os museus, os arquivos e os lugares do patrimônio sul-africanos estavam sendo redefinidos na esteira de nossa nova democracia, com isso, a motivação do GALA era garantir que a história, as vozes e as vidas queer não fossem deixadas de fora desse movimento. No GALA, nós nos vemos como catalisadores da produção, da preservação e do compartilhamento da

história, da cultura e das experiências contemporâneas queer na África do Sul e em outros locais. Como se trata de um arquivo fundamentado em princípios de justiça social e direitos humanos, o GALA trabalha tendo em vista uma maior conscientização sobre a vida das pessoas LGBTIQIA+ como um caminho para uma sociedade inclusiva.

LEGENDAS

Vida Queer [Queer Life]

(1)

Folheto do Salon Kewpie Legacy Project: workshops and ball [Projeto Legado do Salão Kewpie: oficinas e baile], District Six Museum, Cidade do Cabo, 2023

(2)

Foto do Baile do Salão Kewpie, District Six Museum,
Cidade do Cabo, 2021

(3)

Foto: Cerimônia de batismo, Joanesburgo, 1996.
Acervo da Hope & Unity Metropolitan Community
Church (Igreja da Comunidade Metropolitana
Esperança e Unidade – HUMCC)
Fotógrafo: Graeme Reid

(4)

Foto: Inauguração do GLOW Bar, Soweto, 1988
Acervo Simon Nkoli

(5)

Foto em álbum: Joe Garmeson e amigos, praia de
Durban, 1951. Do álbum, Acervo Garmeson

(6)

Foto: Semifinais do Concurso Mr. e Ms. HUMCC, Joanesburgo, 1996 (Igreja da Comunidade Metropolitana Esperança e Unidade)

(7)

Folheto anunciando um show de drag queens e uma festa disco em Langa, Cidade do Cabo, 1993. Organizado pelo Lesbian Caucus da Abigale

HIV e aids

(14)

Cartazes: Campanha de conscientização sobre HIV/Aids do Township Aids Project, com Simon Nkoli. Meados da década de 1990

Acervo Simon Nkoli

(15)

Jornal: Artigos sobre a morte do ativista de HIV/Aids Peter Busse, 2006

Acervo Peter Busse Collection

(16)

Panfleto: Primeiros folhetos sobre sexo seguro produzidos pela AIDS Support and Education Trust (ASET) na Cidade do Cabo, 1992

Acervo Triangle Project

(17)

Foto: Passeata da Treatment Action Campaign (TAC) [Campanha de Ação para Tratamento – TAC], Cidade do Cabo, 2000

Acervo Zackie Achmat

(18)

Capa de livro: Living Openly. Publicação sul-africana, 2000

Acervo Peter Busse Collection

Ícones queer sul-africanos

(19)

Foto: Sally Gross (1953-2014), ativista contra o apartheid e intersexual

(20)

Simon Nkoli (1957-1998), ativista contra o apartheid e a favor de HIV/Aids e dos direitos dos gays – manifestação contra o apartheid em Londres

(21)

Os ativistas queer Simon Nkoli (1957-1998) e Ivan Toms (1952-2008) – Cidade do Cabo, 1990. Ambos foram presos por sua luta contra o apartheid

(22)

Kewpie (1941-2012) foi uma conhecida figura queer, artista e cabeleireira do District Six, na Cidade do Cabo, 1967

(23)

O cineasta, escritor e ativista Bev Ditsie, discursando para uma pequena multidão na primeira Parada do Orgulho em Joanesburgo, 1990

(24)

Julian Nicol (1956-2019) e sua parceira Sheila Lapinsky, Cidade do Cabo, 1989. Ambos atuaram no início da luta queer e contra o apartheid

Campanhas legais

(25)

Cartaz comemorando a inclusão da “Cláusula de Igualdade” na nova Constituição da África do Sul [Poster celebrating the inclusion of the “Equality Clause” in South Africa’s new Constitution], 1996

(26)

Cartaz de uma das primeiras campanhas a favor do reconhecimento do casamento entre pessoas do mesmo sexo – Cidade do Cabo, 1998

(27)

Artigos de jornal anteriores à aprovação da Lei da União Civil, em dezembro de 2006

Orgulho e protesto

(28)

Cinco membros da organização OLGA a caminho do comício da Grande Parada para dar as boas-vindas a Nelson Mandela (1918-2013) após sua libertação, 11 de fevereiro de 1990

(29)

Folheto/cartaz desenhado à mão da primeira Parada do Orgulho da África do Sul, realizada em Joanesburgo em 13 de outubro de 1990

(30)

Fotos da primeira Parada do Orgulho em Joanesburgo, 13 de outubro de 1990, um dia chuvoso

(31)

Boletim informativo da GLOW, que organizou a primeira Parada do Orgulho, 1990

(32)

Cartaz da 3ª Parada do Orgulho anual em Joanesburgo, 1992

(33)

Artigo de jornal sobre a primeira manifestação pública de gays e lésbicas na Cidade do Cabo, julho de 1993

(34)

Panfleto do primeiro evento Cape Town Pride, realizado em dezembro de 1993, três anos após o primeiro Orgulho do país, em Joanesburgo

(35)

Theresa Raizenberg segura um buquê de balões de preservativos em uma passeata do Dia Mundial de Combate à Aids na Cidade do Cabo, 1993

(36)

Manifestantes do lado de fora do primeiro *Out in Africa Film Festival*, realizado na Cidade do Cabo em 1994

(37)

Bev Ditsie participa da 5ª Parada anual do Orgulho em Joanesburgo, 1994

(38)

Cartazes da Nkateko, uma organização de lésbicas negras ativa por um curto período, mas que teve uma forte presença na Johannesburg Pride em 1997

(39)

Protesto contra a violência que afeta a comunidade queer, Soweto Pride, 2012

(40)

Parada do Dia da Herança Queer em homenagem a Kewpie, pelas ruas do District Six, Cidade do Cabo, 2018

(41)

Soweto Pride, 2018

(42)

Exibição de cartazes de várias passeatas do Orgulho e de protesto ocorridas na África do Sul entre as décadas de 1990 e 2010

Cortesia GALA Queer Archive, Johannesburg, South Africa

11. HISTORIA TRANSKUIR IN COLOMBIA

[instagram.com/manumojitoart](https://www.instagram.com/manumojitoart)

Desde 2012, trabalhamos no desenvolvimento de um arquivo visual a partir de Foto [Photo]grafias analógicas de pessoas trans, queer e não binárias de Bogotá e de outras cidades da Colômbia. Essas imagens foram preservadas como estimados tesouros pessoais. Esse arquivo preserva memórias e capta histórias de indivíduos que escaparam da divisão binária de gênero, explorando várias formas de ser e de se perceber a si próprio. Por meio de tal processo, iniciou-se a construção de um espaço dedicado à memória e à visibilidade dessas identidades.

No instagram, o arquivo é uma plataforma essencial para mobilizar essas imagens, levando-as do mundo físico para a esfera digital. Esse salto possibilitou a criação do podcast Radiotituta, um espaço no qual os mesmos indivíduos que são retratados nas Foto

[Photo]grafias, junto com seus entes queridos, partilham histórias sobre os lugares, pessoas e momentos que moldaram suas vidas.

Atualmente, o arquivo mantém seu repositório físico no Archivo Arkhé, na Espanha, e já foi exposto em importantes mostras na Argentina, no México, no Brasil, nos Estados Unidos, na Alemanha e na Espanha. Na Colômbia, o arquivo se tornou uma referência fundamental para a pesquisa e projetos relacionados à diversidade de gênero.

LEGENDAS

(1)

Sem legenda

(2)

Sem legenda

(3)

Mural

(4)

Lorena Villavicencio #2

(5)

Lorena Villavicencio

(6)

La Pulga Pereira #3

(7)

La Pulga Pereira #2

(8)

La Pulga Pereira

(9)

Kaperuzza #2

(10)

Raquel Olarte #1

(11)

Itala Maria #2

(12)

Itala Maria

(13)

elci del campo

(14)

Kaperuzza #1

(15)

Raquel Olarte

(16)

Linda Lucia – Livreto 3, Foto 13f

(17)

Linda Lucia – Livreto 3, Foto 19f

(18)

Linda Lucia – Livreto 3, Foto 62f

(19)

Linda Lucia – Livreto 3, Foto 78f

Cortesia Historia Transkuir Colombia

11. THAI RAINBOW ARCHIVES PROJECT

eap.bl.uk/project/EAP128/search

As revistas gays da Tailândia são um recurso acadêmico de verdadeira importância internacional, pois fornecem percepções essenciais sobre os padrões contemporâneos das organizações da comunidade gay tailandesa e documentam a história de uma das mais importantes culturas homossexuais e transgêneras do mundo. Entretanto, as revistas gays tailandesas são socialmente marginalizadas e culturalmente estigmatizadas. Devido a sensibilidades culturais e vieses anti-homossexuais, nem a Biblioteca Nacional da Tailândia nem quaisquer universidades ou acervos institucionais reuniram materiais desse tipo. Nesse cenário, o prof. Peter A. Jackson, da Australian National University, e o dr. Narupon Duangwises, do Princess Mahachakri

Sirindhorn Anthropology Centre, criaram o Thai Rainbow Archives Project. O objetivo desse projeto era obter, de colecionadores particulares, cópias de revistas gays em risco de extinção para serem digitalizadas como um recurso acadêmico e comunitário. Com o financiamento do Endangered Archives Programme, da Biblioteca Britânica, o prof. Jackson e o dr. Narupon colaboraram com a Bangkok Rainbow Organization para digitalizar quase mil revistas e boletins informativos. Atualmente, o único grande acervo de revistas gays tailandesas disponível ao público é mantido em formato digital no Reino Unido. A British Library abriga esse arquivo de código aberto e todas as cópias estão disponíveis para acesso e download gratuitos.

LEGENDAS

Revistas gays tailandesas da década de 1980

(1)

Revista Mithuna Junior (96 números)

(2)

Revista Neon (157 números)

(3)

Revista Violet [“violeta”] (29 números)

(4)

Revista Midway [“intermediário”] (88 números)

(5)

Revista Gay Prasopkan [“experiências gays”] (11 números)

(6)

Revista Morakot (129 números)

(7)

Revista My Way [“meu caminho”]

(1 número)

Classificados pessoais da década de 1980

Exemplos de anúncios classificados pessoais que homens tailandeses gays colocaram na revista Mithuna Junior na década de 1980, em busca de amigos e amantes gays

(8)

Classificados pessoais da revista Mithuna Junior

(9)

Classificados pessoais da revista Mithuna Junior

(10)

Classificados pessoais da revista Mithuna Junior

Revistas gays tailandesas da década de 1990

(11)

Revista Grace Male [“graça masculina”] (21 números)

(12)

Revista Weekend Men [“homens do fim de semana”]

(13)

Revista Male [“macho”] (49 números)

(14)

Revista Hero [“herói”] (2 números)

(15)

Revista Hot Guys [“caras gostosos”] (15 números)

(16)

Revista Queer (2 números)

(17)

Revista Canon (2 números)

(18)

Revista Chap [“amigo”] (8 números)

(19)

Revista Club 69 (2 números)

(20)

Revista Deep [“profundo”] (1 número)

(21)

Revista Flesh [“carne”] (5 números)

(22)

Revista Flesh Junior (3 números)

(23)

Revista Free Men [“homens livres”] (1 número)

(24)

Revista GR (27 números)

(25)

Revista Guy [“cara”] (12 números)

(26)

Revista GZone (1 número)

(27)

Revista Him [“ele”] (1 número)

(28)

Revista Lap Chaphor (“ultrassecreto”) (124 números)

(29)

Revista Man Studio (10 números)

(30)

Revista Man Plus (1 número)

(31)

Revista New Wave [“nova onda”] (5 números)

(32)

Revista Next Men [“homens próximos”] (2 números)

(33)

Revista Prasopkan [“experiências”] (5 números)

(34)

Revista Test [“teste”] (1 número)

(35)

Revista Young [“jovem”] (1 número)

Revistas gays tailandesas dos anos 2000

(36)

Revista Step [“etapa”] (31 números)

(37)

Revista Door [“porta”] (43 números)

(38)

Revista Demand [“exigência”] (19 números)

(39)

Revista Dude [“cara”] (12 números)

(40)

Revista I Am Guy [“eu sou um cara”] (10 números)

(41)

Revista Spice [“tempero”] (54 números)

(42)

Revista Body [“corpo”] (10 números)

(43)

Revista Boy Zone [“zona dos meninos”] (1 número)

(44)

Revista Cellman (2 números)

(45)

Revista Chai Chakan (5 números)

(45)

Revista DDiary [“diário”] (4 números)

(46)

Revista Demand 2 [“exigência 2”] (19 números)

(47)

Revista Guy [“cara”] (1 número)

(48)

Revista Door Dek (7 números)

(49)

Revista Exit [“saída”] (2 números)

(50)

Revista GG (1 número)

(51)

Revista GGlamour (4 números)

(52)

Revista Gray [“cinza”] (2 números)

(53)

Revista Grease F&E (11 números)

(54)

Revista Guy Room [“quarto do homem”] (1 número)

(55)

Revista Head Shot [“foto de rosto”] (10 números)

(56)

Revista His [“dele”] (1 número)

(57)

Revista HMagazine (3 números)

(58)

Revista Boy Buri (1 número)

(59)

Revista Kamp (1 número)

(60)

Revista KMag (23 números)

(61)

Revista KMag 2 (23 números)

(62)

Revista Maxi (3 números)

(63)

Revista Max (140 números)

(64)

Revista Mean [“mau”] (1 número)

(65)

Revista MM (15 números)

(66)

Revista Real (3 números)

(67)

Revista Shareman [“compartilhador”] (1 número)

(68)

Revista Solo (1 número)

(69)

Revista Stage [“palco”] (64 números)

(70)

Revista Sticky Rice [“arroz grudento”] (12 números)

(71)

Revista Superman [“super-homem”] (1 número)

(72)

Revista Thai Guys [“caras tailandeses”] (44 números)

(73)

Revista The Boy Story [“história de meninos”] (27 números)

(74)

Revista Tom Act (60 números)

(75)

Revista Variety [“variedade”] (92 números)

(76)

Revista XMen (2 números)

(77)

Revista ZMen (16 números)

Revistas gays tailandesas da década de 2010

(78)

Revista Solid [“sólido”] (12 números) [Solid magazine (12 issues)]

(79)

Revista Desire [“desejo”] (46 números)

(80)

Revista Out in Thailand [“na Tailândia”] (60 números)

(81)

Revista Thai Puan (76 números)

(82)

Revista Axis [“eixo”] (14 números)

(83)

Revista Chan Hiw (“tenho fome”) (1 número)

(84)

Revista Dream Man [“homem dos sonhos”] (1 número)

(85)

Revista Glow [“brilho”] (32 números)

(86)

Revista Guta (7 números)

(87)

Revista Hey (43 números)

(88)

Revista Jan Raem [“lua minguante”] (11 números)

(89)

Revista Langsuan [“atrás do parque”] (1 número)

(90)

Revista Menthol (2 números)

(91)

Revista Nai Num [“Sr. cara”] (4 números)

(92)

Revista Nam-phrik Num [“chili picante do jovem”] (5 números)

(93)

Revista Norng Mon [“irmãozinho”] (4 números)

(94)

Revista Reuang Khorng Rao [“nossas histórias”] (13 números)

(95)

Revista ShowK (1 número)

(96)

Revista Taborng Phet (1 número)

13. INSTITUTO BRASILEIRO DE TRANSMASCULINIDADES (IBRAT)

ibrat.sp.com

O Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT), núcleo São Paulo, tem se fortalecido na frente política de São Paulo com a participação na Frente Parlamentar LGBTQIA+ e a ocupação de cadeiras no Comitê Municipal de Saúde LGBTQIA+ e no Núcleo TransUnifesp, além de ter proferido falas na Assembleia Legislativa do Estado (Alesp) e em eventos diversos, como a Parada LGBT de São Paulo, a Parada Preta (LGBT) e a Caminhada Trans, entre outros. Em 2024, entrou para a história ao se tornar o coletivo idealizador e lançar de forma coletiva, com a comunidade transmasculina, a 1ª Marcha Transmasculina de São Paulo – a primeira em todo o mundo. O evento levou mais de 10 mil pessoas para as ruas, enchendo a Avenida Paulista. Nosso

principal objetivo é atuar na defesa das pautas transmasculinas em frentes que são essenciais para a vida (educação, política, trabalho, saúde e cultura), tendo uma abordagem incisiva – sem deixar de realizar as articulações necessárias – e usando estratégias de comunicação, arte e história para tal.

LEGENDAS

(1)

Registros da 1ª Marcha Transmasculina de São Paulo por [Records of the São Paulo's 1st Transmasculine March by] Hel Lins (@h.eleenalins), 2024. Curador: Ravi Spreizner, vice-coordenador do IBRAT-SP

(2)

1ª Marcha Transmasculina de São Paulo [São Paulo's 1st Transmasculine March], 2024, fotos por Íra Barillo (@irabarillo). Curador: Ravi Spreizner, vice-coordenador do IBRAT-SP

(3)

1ª Marcha Transmasculina de São Paulo, 2024, por
[by] Larry (@LarryAnjos_). Curador: Ravi Spreizner,
vice-coordenador do IBRAT-SP

(4)

Nossos corpos em movimento – fotos por Ravi
Spreizner

(5)

Tom Batista Garcia

(6)

Ravi Spreizner

(7)

Pedro Silvério

(8)

Luy Layra

(9)

Kyem Ferreiro

(10)

Kairos Castro

(11)

Juca Martins

(12)

João Lucca Lima

(13)

Garu

(14)

Dr. Lorenzo Godoy

(15)

Caetano Lars

(16)

Lambes da 1º Marcha Transmasculina de São Paulo
por Renato Camps

(17)

Fotos 1º Marcha Transmasculina de São Paulo por
Pedro Jorge

(18)

Assembleia – organização da marcha – fotos por
Dylan Gayer

Cortesia Instituto Brasileiro de Transmasculinidades
(IBRAT)

Histórias LGBTQIA+ é curada por Adriano Pedrosa, diretor artístico, Julia Bryan Wilson, curadora-adjunta de arte moderna e contemporânea, com colaboração de André Mesquita, curador, e assistência de Leandro Muniz, curador assistente e Teo Teotonio, assistente curatorial

13.12.2024 - 13.4.2025